



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

ANA LUIZA SANTOS DE ALBUQUERQUE

**FAMÍLIA DE PESSOAS SURDAS: UMA ANÁLISE DOS ATENDIMENTOS NO
LABES-LIBRAS/FE/UNB**

Brasília
2026

ANA LUIZA SANTOS DE ALBUQUERQUE

**FAMÍLIA DE PESSOAS SURDAS: UMA ANÁLISE DOS ATENDIMENTOS NO
LABES-LIBRAS/FE/UNB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília como requisito parcial para obtenção do
título de Pedagogo(a)

Profa. Dra. Edeilce Aparecida Santos Buzar
Orientadora

Brasília
2026

CIP - Catalogação na Publicação

SA345 Santos de Albuquerque , Ana Luiza .
/ Ana Luiza Santos de Albuquerque ;
Orientador: Edeilce Aparecida dos Santos Buzar . Brasília,
2026.
69 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Pedagogia)
Universidade de Brasília, 2026.

1. Trabalho Final de Curso . I. Aparecida dos Santos
Buzar , Edeilce , orient. II. Título.

ANA LUIZA SANTOS DE ALBUQUERQUE

**FAMÍLIA DE PESSOAS SURDAS: UMA ANÁLISE DOS ATENDIMENTOS NO
LABES-LIBRAS/FE/UNB**

Monografia apresentada à Banca Examinadora, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Brasília, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Edeilce Aparecida Santos Buzar.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Edeilce Aparecida Santos Buzar (UnB/FE)
Orientadora

Prof(a). Ms. Mária de Fátima Félix Nascimento - IFB
Examinadora

Prof(a). Ms. Iraci Pereira da Silva- (UnB/FE)
Examinadora

Prof.^a Dr.^a Ana Raquel Costa Dias -(UnB/FE)
Suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que esteve comigo em todos os momentos da minha vida, concedendo-me força e sabedoria ao longo de toda a minha trajetória educacional. Em cada etapa pude sentir o Seu cuidado e a Sua presença. Através deste trabalho, desejo honrá-lo por tudo que tem feito por mim.

Agradeço aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado, acreditando no meu potencial e fazendo tudo o que estava ao alcance deles para que eu pudesse me dedicar aos estudos. Obrigada por sempre fazerem o melhor por mim. À minha mãe, agradeço pelo apoio, pelos conselhos e por ser minha inspiração de mulher forte e batalhadora. Sou grata por cada palavra de incentivo e por todas as orações. Ao meu pai, agradeço por nunca deixar faltar nada, por todo o esforço e por dedicar sua vida a mim e aos meus irmãos.

A minha orientadora, Prof.^a Dra. Edeilce Buzar, por me acolher com tanto carinho, por compartilhar seus conhecimentos e por me inspirar com sua dedicação e amor pelo trabalho. Sua orientação despertou em mim ainda mais o interesse pela área da educação de surdos.

Agradeço ao Thalisson, meu namorado, que me apoiou, me ouviu, me aconselhou e esteve ao meu lado me encorajando em cada momento. Sou grata por tê-lo em minha vida, seu apoio e companheirismo foram essenciais para mim.

Aos amigos que a faculdade me presenteou: Nalanda, Yasmim, Samile e Ester. Minhas parceiras de curso que tornaram essa caminhada mais leve e significativa. Levarei essa amizade para toda a vida.

Agradeço à universidade, da qual tenho tanto orgulho em fazer parte, e a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho, em especial às famílias entrevistadas, cuja colaboração foi essencial para concretizar esta pesquisa.

A cada um que fez parte dessa conquista, muito obrigada!

“Para que todos vejam, e saibam, e considerem, e juntamente entendam que a mão do Senhor fez isto” (Isaias 41:20).

MEMORIAL

Filha de Glênio de Albuquerque Aguiar e Mirian Souza dos Santos, tenho três irmãos e sou a mais velha. Meus pais se tornaram pais muito jovens e, como consequência, enfrentaram muitos preconceitos e julgamentos da própria família, que duvidava de sua capacidade de me oferecer uma boa educação e de me proporcionar um bom futuro. No entanto, eles não deixaram os julgamentos os abalarem, e sempre me incentivaram muito a estudar.

Quando pequena eu gostava de brincar de escolinha, sempre queria ser professora nas brincadeiras, amava ensinar as coisas que eu tinha aprendido na escola. Com isso veio o desejo de me tornar professora.

Sou moradora da Ceilândia e a primeira escola que estudei foi no C.E.F professora Maria do Rosário, no qual cursei do jardim de infância até ao 7º ano. Foi uma escola muito boa, aprendi bastante e ela contribuiu muito para o meu desejo de ser professora.

Eu era uma aluna muito dedicada, gostava muito de ir para a escola. Fui alfabetizada pela professora Edna, uma pessoa muito querida, que tinha uma metodologia incrível e era muito carinhosa. Ela me inspirou a ser pedagoga.

Com a pressão de ser filha de pais muito jovens, cresci me cobrando muito, queria me destacar em tudo, tirar sempre as melhores notas e ser aluna destaque, mesmo não sendo cobrada pela minha família. Mas eu me achava na obrigação de ser “bem-sucedida”, para um dia poder recompensar todo o esforço que meus pais tiveram para me criar.

No 8º e 9º ano, eu estudei no C.E.F 10 de Ceilândia. Durante esses dois anos me diverti muito e fiz diversas amizades. Quando estava no 9º ano, ouvi falar da Universidade de Brasília - UnB e a partir disto surgiu o meu interesse em entrar nessa faculdade.

No ensino médio estudei no C.E.D 07 de Ceilândia, que se tornou um colégio cívico militar, e houveram muitas mudanças. No primeiro ano desse nível de ensino eu fiz o PAS 1, não tinha muitos conhecimentos e a escola não falava muito a respeito da prova. Depois de me submeter à avaliação, voltei para casa muito frustrada, pois tive muita dificuldade. A partir daí começaram as crises de ansiedade, devido às minhas próprias cobranças, não aceitava não ser aprovada. Minha família sempre teve muita expectativa em relação a mim e eu tinha medo de frustrá-los. Mas recebi todo apoio da minha mãe, ela confiava que iria dar certo.

No segundo ano do ensino médio, me preparei um pouquinho mais para o PAS 2. Eu já conhecia a prova, então consegui estudar algumas coisas, mas sempre ficava muito nervosa isso me atrapalhava muito. No terceiro ano do ensino médio, passamos pela pandemia do Covid 19, foi um ano atípico, e a ansiedade aumentou. Tivemos que estudar à distância e foi tudo muito

novo. Eu sempre planejei tudo em minha vida, e ter uma rotina bem estabelecida me ajuda muito, mas com a pandemia eu perdi o controle da minha rotina e da minha vida, nada mais estava acontecendo conforme o planejado.

Ao fazer a inscrição para a prova do PAS 3 tive que colocar duas opções de curso, e eu não tinha dúvidas que a pedagogia seria minha primeira opção. Na verdade, eu nem consigo pensar em outra profissão. A prova atrasou, então no final de 2020, eu comecei a trabalhar como atendente e fazia as atividades da escola online. Comprei uma apostila com as obras do PAS e aproveitava meu horário de almoço para estudar. Foi bem desafiador e cansativo, mas em 2021 quando fiz a prova me senti mais preparada, e tive a certeza de que iria dar certo.

Estava no trabalho quando saiu o resultado, fiquei muito feliz quando vi que tinha sido aprovada. Fui para casa contar para minha família, todos festejaram com a minha entrada na UnB. Parecia até mentira, aquilo que eu tanto esperei e me preparei finalmente estava acontecendo.

O primeiro semestre foi através do ensino à distância, pois ainda estávamos enfrentando a pandemia. Eu saí do meu trabalho e comecei a fazer estágio pela manhã em uma escola, no berçário.

Quando começaram as aulas eu tive a certeza de que realmente queria cursar pedagogia, como foi dito acima essa sempre foi a minha primeira opção. Eu gostei das disciplinas e adquiri muitos conhecimentos.

Inicialmente, eu pretendia abordar em minha monografia o impacto de traumas familiares na alfabetização das crianças, pois o tema família sempre foi muito significativo para mim. No entanto, estava aberta a mudanças. Meu grande sonho é constituir uma família e ser mãe, o que sempre me fez ter interesse em explorar temas relacionados à família em minha monografia.

Algumas disciplinas despertaram meu interesse, e uma delas foram as que trataram da educação inclusiva. Eu não tinha muito conhecimento sobre algumas deficiências, e na pedagogia é extremamente necessário conhecermos, pois iremos nos deparar com diferentes realidades em sala de aula, e devemos estar preparadas para poder acolher essas crianças e fazer as adaptações adequadas, conforme a necessidade.

No terceiro semestre eu fiz a disciplina Escolarização de surdos e Libras. Estava muito animada para cursar a disciplina, e tinha muito interesse em aprender Língua Brasileira de Sinais – Libras. Mas tivemos poucos encontros, porque a professora cancelava muitas aulas. Foi frustrante, pois essa era até então a única disciplina que teríamos contato com a Libras, e eu sabia da importância da língua.

No início do sexto semestre eu estava ansiosa pois não sabia qual professor eu iria pedir para me orientar, isso me causou muito nervosismo. Eu sabia que queria algo relacionado à família, mas estava perdida em relação ao tema que realmente eu iria estudar, eu não queria fazer algo só por fazer, queria realmente me identificar com o assunto.

No sexto semestre eu estava à procura de uma disciplina optativa, então decidi fazer Tópicos Especiais em Práticas Pedagógicas com a professora Edeilce Buzar. Quando tivemos a primeira aula foi uma surpresa, pois não sabia que essa disciplina seria focada no ensino da Libras e da cultura surda. Foi um impacto positivo, pois eu precisava aprender mais sobre isso.

A disciplina foi muito proveitosa, aprendi bastante. Criei um carinho muito grande pela professora Edeilce, pois vi o olhar humano e a dedicação que ela tem pelo trabalho e pela cultura surda. Durante a disciplina fomos a um passeio na Escola Bilíngue Libras- Língua Portuguesa (Taguatinga/DF). Lá me deparei com uma realidade que eu não conhecia, foi muito interessante ver as adequações e as metodologias usadas pelos surdos. Na visita, me comovi muito quando vi as crianças da educação infantil falando em Libras.

Depois que terminou a visita, minha mente se abriu, e junto vieram diversos questionamentos: Como eu fiquei tanto tempo sem esse conhecimento sobre a comunidade surda? Como é para as famílias ouvintes ter um filho surdo? Fui para casa, mas algo estava me inquietando.

A partir desses questionamentos, senti que era sobre isso que queria escrever na minha monografia, pois essa temática estava me atraindo. Conversei com a professora Edeilce e durante a conversa me emocionei mais uma vez. Esta temática é muito sensível e importante para mim, além disso a visita me despertou para esse olhar empático, a professora Edeilce me acolheu e aceitou ser minha orientadora.

Ao começar a estudar sobre surdez, meu interesse se deslocou para entender a perspectiva da família em relação à surdez, o que se tornou um tema ainda mais relevante e pessoal para mim.

Inicialmente eu pensei em fazer minha monografia sobre as famílias de surdos da Escola Bilíngue Libras-Português como L2. Para ter um contato mais próximo com a Libras eu escolhi fazer estágio no Laboratório de Educação de Surdos e Libras – (Labes Libras) e começaram a surgir demandas de atendimentos à famílias. Foi então que a professora Edeilce e eu pensamos em fazer a monografia voltada aos atendimentos realizados à familiares de surdos e aos próprios surdos, no Labes Libras, como veremos em seguida.

RESUMO

Esta monografia investigou as experiências de famílias de pessoas surdas acompanhadas pelo Labes-Libras/FE/UnB, focando nos aspectos emocionais, educacionais e linguísticos. O estudo compreende as implicações emocionais, educacionais e linguísticas das famílias de pessoas surdas atendidas no Labes- Libras nos anos de 2024 e 2025. A pesquisa qualitativa envolveu entrevistas semiestruturadas com familiares e análise de conteúdo, revelando a importância de uma abordagem sensível e multidisciplinar. Os resultados destacam o papel essencial do Labes-Libras no apoio às famílias, enfatizando a necessidade de comunicação em Libras e ambiente familiar estável para o desenvolvimento dos surdos.

Palavras-chave: família; surdos; Labes-Libras.

ABSTRACT

This monograph investigated the experiences of families of deaf individuals supported by the Labes-Libras/FE/UnB, focusing on emotional, educational, and linguistic aspects. The study examines the emotional, educational, and linguistic implications for the families of deaf individuals assisted by Labes-Libras in the years 2024 and 2025. The qualitative research involved semi-structured interviews with family members and content analysis, revealing the importance of a sensitive and multidisciplinary approach. The results highlight the essential role of Labes-Libras in supporting families, emphasizing the need for communication in Brazilian Sign Language (Libras) and a stable family environment for the development of deaf individuals.

Keywords: family; deaf; Labes-Libras.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|-------------------------------------|----|
| Figura 1- Labes-Libras | 40 |
| Figura 2- Primeira entrevista | 42 |
| Figura 3- Segunda entrevista | 43 |
| Figura 4- Quarta entrevista | 44 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| MEMORIAL EDUCATIVO | 07 |
| INTRODUÇÃO | 14 |
| 1. A FAMÍLIA COMO EIXO ESTRUTURANTE NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO | 16 |
| 2. PESSOAS SURDAS E SUAS FAMÍLIAS: IMPACTOS COMUNICACIONAIS, IDENTITÁRIOS E EDUCACIONAIS | 27 |
| 3. METODOLOGIA | 37 |
| 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES | 46 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 61 |
| REFERÊNCIAS | 64 |
| ANEXOS | 67 |

INTRODUÇÃO

A presente monografia aborda o tema “Família de pessoas surdas: Uma análise dos atendimentos no Labes-Libras/FE/UnB”. Muitas famílias de pessoas surdas enfrentam dificuldades em lidar com a comunicação, questões emocionais e educacionais, especialmente quando não há conhecimento prévio sobre a língua de sinais ou sobre a cultura surda e especificidades dos sujeitos surdos. Nesse contexto, o Labes-Libras tem desempenhado um papel importante no apoio às famílias de pessoas surdas, oferecendo orientação, apoio linguístico e educacional. Este trabalho busca explorar as experiências das famílias de pessoas surdas acompanhadas pelo Labes-Libras no período entre 2024 e 2025, visando entender melhor as implicações emocionais, educacionais e linguísticas das pessoas surdas a partir da ótica de suas famílias.

A escolha desse tema se justifica pela a importância de aprofundar o conhecimento sobre as questões apresentadas pelos surdos, a partir do próprio ponto de vista deles ou de seus familiares, incluindo fatores emocionais e sofrimentos psíquicos, a aquisição e aprendizagem da língua de sinais, e o impacto no desempenho acadêmico. Essas questões são fundamentais para compreender as necessidades e desafios enfrentados pelas pessoas surdas e suas famílias.

O objetivo geral é compreender as implicações emocionais, educacionais e linguísticas das famílias de pessoas surdas atendidas no Labes-Libras nos anos de 2024 e 2025.

A metodologia adotada para este estudo foi a pesquisa qualitativa, visando compreender em profundidade as experiências das famílias de pessoas surdas acompanhadas pelo Labes-Libras. Dessa forma, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com familiares de pessoas surdas, buscando coletar dados sobre os aspectos emocionais, educacionais e linguísticos. Além disso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para complementar as informações obtidas nas entrevistas. A análise de conteúdo foi realizada identificando temas e padrões emergentes nas falas dos participantes e nos artigos analisados.

Este trabalho é estruturado em quatro capítulos. O primeiro capítulo intitulado como, “A família como eixo estruturante na constituição do sujeito”, aborda a família como base da formação humana e social. Destaca-se que ela constitui o primeiro espaço de pertencimento, afeto e desenvolvimento emocional, cognitivo e social do indivíduo. O segundo capítulo, “Pessoas surdas e suas famílias: impactos comunicacionais, identitários e educacionais”, explicita os impactos do diagnóstico de surdez na dinâmica familiar, destacando os desafios emocionais, comunicacionais e sociais enfrentados pelas famílias ouvintes, a importância da

Libras na construção da identidade e do desenvolvimento da criança surda, e a necessidade de parceria entre família e escola para garantir inclusão, autonomia e educação bilíngue de qualidade. No terceiro capítulo apresentamos a metodologia abordada na monografia e por fim o quarto capítulo com os resultados e discussões.

1. A família como eixo estruturante na constituição do sujeito

Desde o princípio, a família tem sido reconhecida como base para a formação do indivíduo e da organização social. Para Noronha e Parron (2017), “o ser humano, ao receber o dom da vida, está ligado de alguma maneira ao seio familiar, considerado como estrutura básica social”.

Em primeiro lugar, é necessário que nesse grupo haja afeto, para um bom relacionamento e durabilidade, pois, o afeto é uma necessidade e princípio familiar. Para Macedo (1994, p.64), “o propósito da família seria prover um contexto que supra as necessidades primárias de seus membros, referentes à sobrevivência, segurança, alimentação e um lar, ao desenvolvimento afetivo, cognitivo e social e ao sentimento de ser aceito, cuidado e amado.”

A família é o primeiro grupo social, na maioria das vezes, que uma criança vivencia. Portanto, é fundamental que este seja um lugar de acolhimento, segurança e afetividade, no qual a criança possa ter acesso aos alimentos necessários à sua sobrevivência, um abrigo e acima de tudo, sentir-se pertencente.

Mas, é sabido que nem sempre acontece assim. Para Costa (2024, p.12), “outro ponto que impacta a boa convivência e um ambiente familiar saudável, é o excesso de conflitos e baixa afetividade, que podem aumentar o risco de problemas emocionais e comportamentais”. O apoio emocional da família tem um papel crucial na prevenção e recuperação de problemas psicológicos e comportamentais. A comunicação aberta também é um fator fundamental para o controle das emoções.

A família é a primeira instituição a qual nos sentimos pertencentes. É nesse lugar que aprendemos e nos desenvolvemos. A Psicologia reconhece a família como elemento fundamental na formação do indivíduo. Como afirma Macedo (1994, p. 63), “a família é, para a Psicologia, revestida de uma importância capital, dado que é o primeiro ambiente no qual se desenvolve a personalidade nascente de cada novo ser humano.”

A família tem forte influência no processo de socialização. Mudanças sociais e culturais impactam diretamente nesse aspecto. A instituição familiar deve fornecer apoio e compreensão durante essas mudanças que afetam principalmente os adolescentes.

A família é reconhecida como o primeiro e mais influente ambiente de socialização e desenvolvimento emocional. No entanto, as mudanças sociais e culturais, bem como os desafios contemporâneos enfrentados pelas famílias, podem impactar negativamente o bem-estar emocional dos adolescentes. Portanto, é crucial analisar como a família pode

fornecer apoio emocional, como o relacionamento entre pais e filhos influencia o desenvolvimento emocional e como a comunicação familiar aberta e saudável pode contribuir para o manejo das emoções dos adolescentes. (COSTA, 2024, p.4)

É nesse local que a identidade se desenvolve, que nasce o sentimento de pertencimento, a autonomia, consciência, a personalidade e a maneira de enxergar o mundo. Por isso a importância de estar em um ambiente estável, saudável e ser amado.

Uma criança ou adolescente retirados da convivência familiar, sem dúvida, ficarão privados de experiências de relacionamentos em que poderiam receber e expressar amor e que são essenciais para a formação de uma imagem de si como tendo valor. Contudo, é mais danoso para ambos, permanecerem numa família em que sua integridade é ameaçada.” (PIANA, PARREIRA, NOGUEIRA, 2012, p.5)

Sendo assim, a família constitui um elemento fundamental na formação do indivíduo saudável, tanto em seus aspectos físicos, quanto emocionais e sociais. No entanto, ao longo da história, essa concepção de família foi se modificando paulatinamente, como veremos de forma breve adiante.

Breve história da família: No mundo e no Brasil

A família é uma estrutura social que se originou através da necessidade humana, de forma natural e por isso está em constante transformação. Dessa maneira dizemos que o conceito de família não é algo fixo e linear. Segundo Piana, Parreira e Nogueira (2013, p. 3): “O conceito de família vai muito além de uma simples definição, a família tem uma importância fundamental não apenas no âmbito da reprodução biológica, mas principalmente, enquanto mediadora de seus membros com a sociedade.” É nesse ambiente que temos o primeiro referencial de comunidade.

Com as mudanças na sociedade, a família também passou por diversas transformações influenciadas pelo contexto histórico e cultural. Como por exemplo, na pré-história o principal objetivo da família era promover a segurança e a proteção, para garantir a sobrevivência.

A família na Idade Antiga era mais complexa, composta por um grupo de pessoas sob a autoridade de um chefe. Essa estrutura social, conhecida como família patriarcal, tinha como objetivos práticas religiosas, políticas e econômicas. O casamento era a base familiar, mas

muitas vezes era constituído com objetivos financeiros, não possuindo afeto, e as mulheres não detinham autonomia.

Na Idade Média, a família também seguia o modelo patriarcal, na qual o homem era o responsável por tomar as decisões e a mulher era encarregada por cuidar dos filhos e da casa. O matrimônio era o centro, com casamentos cristãos, arranjados, a união do homem e da mulher era determinada pelos pais, com propósitos econômicos e políticos. Nesse período havia a distinção de famílias entre nobres e camponeses.

A família na Idade Moderna, era composta por pai, mãe e filhos, com papéis de gênero bem definidos, o homem ligado à racionalidade e a mulher à maternidade. A família tinha como função, apoiar, proteger e obter bens.

A partir do século XVIII, a família passou a estar mais ligada à afetividade e ganhou um papel importante na vida das pessoas que passaram a morar em sua própria casa e cuidar da educação dos filhos, principalmente em famílias mais abastadas.

As famílias das classes trabalhadoras, que antes viviam no campo, adotaram esse modelo de família, principalmente quando passaram a trabalhar nas indústrias das cidades, no século XIX. Esse tipo de família era centrado na figura do pai. Esse modelo europeu foi trazido e imposto às populações locais.

A Segunda Guerra Mundial contribuiu grandemente para essas transformações, com a globalização, acessibilidade à informação, mudanças culturais e nos papéis de gênero, enfraquecendo o modelo patriarcal.

Na Idade Contemporânea, houveram novas mudanças na configuração da família, refletidas por transformações sociais e culturais. A família deixa de ser vista apenas pelo modelo patriarcal e passa a ter uma forma com mais diversidade em sua composição. No modelo contemporâneo a mulher tem maior participação e há mais relações de afeto.

No que diz respeito especificamente à família brasileira, sua história se inicia com as famílias indígenas, que estavam aqui antes mesmo da colonização. As famílias indígenas viviam em comunidades, com união e organização singular. O trabalho era dividido conforme as questões de gênero e idade. As mulheres tinham como tarefa o cuidado com as crianças, plantio, colheita e eram responsáveis também pela alimentação. Os homens tinham como trabalho a caça, a pesca, preparo da terra, construção e também eram responsáveis pela fabricação de armas para caça e para guerra, com intuito na segurança da aldeia. O casamento visava fortalecer laços e alianças entre aldeias.

Durante a colonização, a família era vista sob o mesmo olhar patriarcal visto anteriormente, trazido pelos Europeus. Para Samara (2002, p.2): “A família sempre foi pensada como a instituição que moldou os padrões da colonização e ditou as normas de conduta e de relações sociais desde o período colonial”.

Com a colonização, negros foram trazidos para o Brasil, para serem escravizados, deixando suas famílias, que viviam de diferentes formas, de acordo com suas etnias, cada grupo tinha suas regras e costumes. Casamentos eram eventos importantes nas comunidades. Através do tráfico negreiro, as famílias foram separadas, e estruturas familiares foram desintegradas. Com as famílias indígenas que já estavam aqui, os europeus que vieram colonizar e os negros que foram trazidos à força, a família brasileira se desenvolveu com uma mistura de raças e culturas.

A partir do século XIX, transformações sociais e econômicas evidenciaram outros arranjos familiares. “O papel dos sexos estava bem definido, por costumes e tradições apoiados nas leis. O poder de decisão formal pertencia ao marido, como protetor e provedor da mulher e dos filhos, cabendo à esposa o governo da casa e a assistência moral à família” (SAMARA, 2002, p.6). A descoberta do ouro e a formação de novas áreas de colonização gerou uma sociedade mais diversa, onde mulheres passaram a assumir o papel de chefes de família.

No século XX, o aumento da presença feminina no mercado de trabalho e sua contribuição ao sustento da casa foram elementos centrais na mudança da estrutura familiar. Ao final desse século, o modelo familiar “tradicional” deixou de ser predominante, há uma variedade nos arranjos familiares. Para Barbosa e Reis (2009, p.3) não existe apenas um modelo de estrutura e dinâmica familiar.

Portanto, assim como não há apenas um conceito de família, compreendemos que também exista uma variedade nos tipos de família, cada uma com sua particularidade. É necessário reconhecermos a diversidade e incluímos nas legislações. “Enxergar sob a ótica do princípio do pluralismo é admitir e dar crédito às variadas organizações familiares, que a partir do vínculo da afetividade, surgem de forma cada vez mais intensa no meio social; fato este que não pode ser ignorado tanto pela sociedade quanto pelo legislador.” (NORONHA, PARRON, 2017, p. 11)

Considerando isso, as legislações passaram por modificações, para que pudesse ser incluído todos os tipos de família. A Carta Magna de 1988 oficializou o Direito de Famílias, e propôs a família como base da sociedade. A partir disto houveram várias inovações jurídicas na constituição de 1988.

Foi constituída pela Carta Magna de 1988, uma nova ordem jurídica, trazendo inovações relativas ao conceito e concepção de família, desvinculando do pensamento tradicional de que esta seria somente aquela composta por um homem e uma mulher, selados pelo matrimônio, e, eventualmente, pelos filhos decorrentes desta união. (NORONHA, PARRON, 2017, p. 14)

Além do casamento, passou a ser estrutura familiar a união estável e a família monoparental, estas passaram a receber amparo constitucional.

A Constituição da República Federativa do Brasil (1988) estabelece os princípios fundamentais em relação à instituição familiar e reconhece como entidade familiar a união estável entre homem e mulher, ou a comunidade formada por quaisquer dois pais e seus descendentes. Nota-se uma diferença significativa na definição estabelecida pela Constituição Brasileira em relação às apresentadas anteriormente quanto à não inclusão das relações não heterossexuais enquanto unidade familiar. (OLIVEIRA, MARINHO-ARAÚJO, 2010, p.2)

Percebe-se, assim, um grande avanço legislativo no que concerne à concepção de família, vale destacar que esta perspectiva encontra-se assegurada na Carta Magna, que é a maior lei de um país.

Com os direitos também vem os deveres, no Estatuto da Criança e do adolescente (ECA), por exemplo, a família é vista como a principal responsável pela alimentação e pela proteção da criança, no período da infância à adolescência. Assim, a criança deve crescer num ambiente familiar pleno e todos os esforços e empenhos das instituições da sociedade, devem ser feitos para evitar que a criança seja separada de sua família, conforme afirma o art. 19 do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Diferente do modelo patriarcal, as famílias brasileiras sempre foram mais diversas, com grande presença feminina na chefia dos lares, especialmente entre as camadas populares. Essas mudanças refletem transformações importantes nos papéis de gênero e na dinâmica dos domicílios até os dias de hoje. Em outras palavras, vemos que a estrutura patriarcal não é tão predominante na atualidade, atualmente as famílias possuem uma estrutura mais simples e grande parte é chefiada por mulheres.

Em suma, com as mudanças na sociedade o conceito de família também está em transformação, e vários acontecimentos podem ter influenciado isso, para Macedo (1994, p. 65) precisamos considerar os seguintes aspectos:

Questões de gênero, envolvendo modificações na posição da mulher na sociedade e na família, as relações de casamento, com a legalização do divórcio, relações homossexuais, o comportamento reprodutivo que permite não só o controle da natalidade, mas possibilita ao casal ter filhos se e quando quiser, a divisão do trabalho com a ocupação do espaço profissional pelas mulheres. (MACEDO, 1994, p.65)

Podemos perceber que as mudanças influenciam fortemente à família, dessa forma ela se adapta às modificações históricas, sociais, econômicas e culturais. A partir da inserção da mulher no mercado de trabalho, a estrutura familiar obteve uma grande alteração, elas estão tendo menos filhos e a maior parte das famílias são chefiadas por mulheres. Essas alterações afetam não só a estrutura familiar, mas também as relações afetivas, pois a família passa a ser vista cada vez mais como um lugar de refúgio, paz, fraternidade e amor.

Com a ampliação desse conceito, para Oliveira e Marinho Araújo (2010), o termo permite a inclusão de modelos variados de família, para além daquele tradicionalmente conhecido, atualmente há uma diversidade de famílias no que diz respeito à multiplicidade cultural, orientação sexual e composições. A conceitualização passou a reconhecer diversas formas de organização familiar, indo além do modelo tradicional formado por pai, mãe e filhos.

Com essas grandes mudanças torna-se complexo definir o termo família de forma que seja um conceito comum. Para estudiosos, instituições e sociedade,

A dificuldade, ou talvez impossibilidade na conceituação provavelmente ocorre porque por muito tempo se descreveu e disseminou-se o conceito de família nuclear burguesa como padrão, modelo este hegemônico sendo aceito e internalizado como ideal na sociedade. A família formada por pais, filhos, convivendo sobre um mesmo teto, unidos por laços afetivos provavelmente presente em nossas concepções, entra em confronto quando se observa a atual realidade das famílias brasileiras e as mudanças que estão vivendo. Algumas delas podem ser destacadas como: legalização do divórcio, o reconhecimento civil das uniões homoafetivas, famílias chefiadas por mulheres, famílias ampliadas, monoparentais, recompostas entre tantas outras denominações, inevitavelmente nos convidam a repensar a questão do gênero e dos papéis familiares. (PIANA, PARREIRA, NOGUEIRA, 2012, p.2)

Percebe-se, assim, como a concepção e os tipos de família foram se resignificando ao longo da história e se adequando à nova realidade social e cultural, acrescentando novos modelos de família, para além do protótipo de família tradicional, conservadora, burguesa e colonial. Vemos, portanto, a grande importância que a família tem no que se refere à

constituição da identidade, no desenvolvimento da linguagem e no processo educacional do filho.

Família, identidade, linguagem e escola: O poder das relações afetivas

Durante o processo de desenvolvimento da criança é importante pensarmos na contribuição da identidade. Para Barbosa e Reis (2010, p.1) “a identidade não é algo fixo, acabado ou imutável”, ela está em constante transformação, e a família é um meio fundamental durante esse desenvolvimento.

A identidade também está ligada ao tempo histórico que estamos vivendo e a sociedade. Outro ponto importante para pensarmos é a linguagem, pois ele tem um papel relevante nesse processo.

No primeiro momento da sua vida, a criança aprende a dominar um importante instrumento de socialização, a linguagem, que age como um facilitador do processo de socialização, aumentando sua possibilidade de experiência e trocas com o outro. Com o domínio do código da linguagem a criança tem uma maior chance de interagir no mundo e ampliar sua socialização. É também por meio da linguagem que a criança vai construir seu pensamento e estruturar a memória, ganhando maior autonomia no pensamento e no próprio reconhecimento do seu “eu”. Este é um importante passo para a constituição da identidade e sentimento de individuação pela criança, que só se pode vislumbrar na identificação e diferenciação com o “outro” com quem interage. (BARBOSA e REIS, 2010, p.5)

A comunicação em família é imprescindível para que os princípios, valores e até mesmo, os afetos, que dizem respeito àquele núcleo sejam repassados aos filhos. Daí a importância de terem uma língua em comum, para que a comunicação se dê da melhor forma. Sem falar que possuir uma língua é fundamental para o acesso ao conhecimento, em casa, mas também na escola.

Nesse mesmo sentido, a afetividade é essencial para o desenvolvimento das crianças, é a partir dela que se desenvolve o sentimento de pertencimento, apoio e segurança, contribuindo para o desenvolvimento de visão de mundo. A falta de afeto e de acompanhamento familiar pode ser prejudicial para os filhos, causando risco de problemas emocionais e comportamentais, trazendo impacto ao desenvolvimento do sujeito.

Sendo assim, o afeto tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento do indivíduo, pois quando ele recebe amor, cuidado e atenção, cresce mais seguro, confiante e

desenvolve autoestima. Além disso, a família tem a função de se relacionar com a sociedade, contribuindo para o crescimento da criança em diversos aspectos.

O principal papel da família é interagir com entidades sociais, buscando preservar os aspectos biológicos, psicológicos, sociais, culturais e religiosos, favorecendo assim a construção dos sujeitos, essencialmente para aqueles que estão no processo de formação, ou seja, as crianças e os adolescentes. (ROCHA e VIEIRA, 2021, p.12)

A afetividade está em todas as fases do indivíduo e diretamente ligada a formação do conhecimento do aluno, ela possui um papel importante no processo de aprendizagem. Para Rocha e Vieira (2021, p.3) “a afetividade desenvolve um papel predominante na construção e na elaboração da inteligência, determinando os interesses e necessidades próprias.”

O acompanhamento dos pais ou responsáveis é crucial nessa etapa de desenvolvimento da criança ou do adolescente, a falta de acompanhamento pode afetar o comportamento e o desenvolvimento das crianças.

Afirmamos que a participação efetiva dos pais no âmbito escolar é primordial para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e sócio emocional do aluno, bem como contribui de forma grandiosa para o bom desempenho das práticas pedagógicas, realizadas pelos professores, bem como também por todos aqueles que estão atrelados direta ou indiretamente no processo educacional. (ROCHA e VIEIRA, 20 de 21, p.16)

A família está diretamente ligada à educação. Desde o nascimento aprendemos com quem está ao nosso redor. Para Oliveira e Marinho-Araújo (2010, p.2) “a família é considerada a primeira agência educacional do ser humano e é responsável, principalmente, pela forma com que o sujeito se relaciona com o mundo.” O ambiente que tem mais influência no desenvolvimento da criança é o familiar. É nesse local onde a criança vivencia suas primeiras experiências educativas.

Para Oliveira e Marinho-Araújo (2010), a família tem a responsabilidade de oferecer à criança a educação primária que tem como tarefa principal orientar o desenvolvimento e aquisição de comportamentos considerados adequados, em termos dos padrões sociais vigentes em determinada cultura. A família tem uma importante relação com a educação pois está em constante contato com a criança em todas as fases de desenvolvimento desse indivíduo.

De acordo com o Art. 205 da Constituição Federal de 1988, “A educação, direito de todos e dever do Estado e da **família**, será promovida e incentivada com a colaboração da

sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 2016, p.123) *grifo nosso*.

A parceria entre o Estado, família e sociedade é essencial para garantir que todos tenham acesso a uma educação de qualidade. Em seu capítulo IV, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), trata do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer. E no artigo 53, explicita alguns direitos da criança e do adolescente.

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II – direito de ser respeitado por seus educadores;

III – direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV – direito de organização e participação em entidades estudantis;

V – acesso à escola pública e gratuita, próxima de sua residência, garantindo-se vagas no mesmo estabelecimento a irmãos que frequentem a mesma etapa ou ciclo de ensino da educação básica. (Redação dada pela Lei nº 13.845, de 2019)

Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

A escola tem como papel principal a socialização do saber sistematizado, ela se relaciona com a ciência e proporciona a aquisição de conhecimento. Apesar de não podemos pensar na escola como o único lugar onde acontece a educação, ela pode acontecer em diferentes espaços.

No entanto, a escola é a responsável pela educação formal, planejada, com profissionais instruídos. Por outro lado, a família desenvolve uma educação informal, mas com intencionalidades. As duas com suas devidas importâncias se complementam, ambas são agentes facilitadores do desenvolvimento da criança.

A divergência entre escola e família está na tarefa de ensinar, sendo que a primeira tem a função de favorecer a aprendizagem dos conhecimentos construídos socialmente em determinado momento histórico, de ampliar as possibilidades de convivência social e, ainda, de legitimar uma ordem social, enquanto a segunda tem a tarefa de promover a socialização das crianças, incluindo o aprendizado de padrões comportamentais, atitudes e valores aceitos pela sociedade. (OLIVEIRA, MARINHO-ARAÚJO, 2010, p.3)

Se a família constitui-se enquanto o lugar onde as crianças tem o primeiro contato como sociedade, onde aprendem valores, crenças, criam vínculos afetivos e tem a primeira visão de

mundo, é na escola que há uma preparação do aluno para conviver em sociedade, isto é, um ensino por meio de um saber sistematizado. Ao mesmo tempo em que percebe-se que a escola e a família também apresentam semelhanças como a preparação do indivíduo para a inserção na sociedade, que seja produtivo, participativo e que tenha pensamento crítico.

O acompanhamento escolar pela família é de extrema importância, não estar presente no processo educativo pode gerar diversos problemas, como desinteresse, baixa frequência, pouca participação nas atividades escolares e indisciplina. Para Caetano (2003, p. 40): “O fato da família não ir bem afeta negativamente o desenvolvimento escolar dos filhos.”

Uma boa relação entre a família e a escola é essencial para a formação da identidade e autonomia, pois os filhos passam a ter segurança, favorecendo o seu desempenho. Essa participação também afeta o desenvolvimento cognitivo, afetivo e socioemocional do aluno. Porém, a falta da família nesse ambiente pode provocar no estudante muitas inseguranças. Dessa forma, a família pode influenciar de forma positiva ou negativa no contexto de aprendizagem. Ela exerce um papel decisivo tanto na educação formal quanto na informal.

Contudo, é necessário pensar em qual seria a melhor forma de parceria entre a família e a escola, de maneira que ambas cumpram seus papéis. Cabe a cada uma cumprir sua função e atuarem de forma complementar para uma educação de qualidade. A criança é um sujeito ativo, que está em constante desenvolvimento e depende da parceria dessas instituições.

A escola, portanto, também necessita dessa relação de cooperação com a família, pois os professores precisam conhecer as dinâmicas internas e o universo sócio-cultural vivenciados pelos seus alunos, para que possam respeitá-los, compreendê-los e tenham condições de intervir no providenciar de um desenvolvimento nas expressões de sucesso e não de fracasso diagnosticado. Precisam ainda, dessa relação de parceria para poderem também compartilhar com a família os aspectos de conduta do filho: Aproveitamento escolar, qualidade na realização das tarefas, relacionamento com professores e colegas, atitudes, valores, respeito às regras. (CAETTANO, 2003, p.43)

Alguns educadores demonstram interesse na participação dos responsáveis, principalmente em reuniões e tarefas de casa, mas existe o medo de que essa aproximação possa intervir no papel da escola como em avaliações e definição de calendário. Em contrapartida, os responsáveis, muitas vezes possuem o receio pela falta de conhecimento formal e por não saber o que fazer diante das reclamações dos professores do comportamento de seus filhos. Como em toda relação, é fundamental respeito mútuo.

É necessária uma aproximação que vá além de contribuição mensal, rifas, festas escolares ou reuniões, onde os responsáveis só escutam professores reclamarem do comportamento de seus filhos. Esses comportamentos afastam ainda mais as duas instituições. É importante que haja uma valorização dos conhecimentos prévios do aluno, que muitas vezes é transmitido pela família.

A intervenção pedagógica a estas questões, deve ser no sentido de considerar a necessidade de a família vivenciar reflexões que lhes possibilitem a reconstrução da autoestima, a fim de que se sintam primeiramente compreendidos e não acusados, recepcionados e rejeitados, pela instituição escola, além de que esta última possa fazê-los sentir-se reconhecidos e fortalecidos enquanto parceiros nesta relação. (CAETTANO, 2003, p.45)

É importante que a escola valorize os conhecimentos prévios do aluno e a participação da família, e que a família mostre interesse em acompanhar o desenvolvimento dos filhos. Essas duas instituições são referências e importantes para um bom aprendizado, portanto, essa parceria é necessária, as duas se complementam e o desempenho do estudante será mais significativo.

2. Pessoas surdas e suas famílias: impactos comunicacionais, identitários e educacionais

Como vimos anteriormente, a família é o primeiro grupo social com o qual a criança convive e, a partir dessa interação, adquire aprendizados que levará para toda a vida. É nesse ambiente que acontecem as primeiras trocas e contatos sociais. “O núcleo familiar é o local no qual emergem os vínculos comunicacionais primários, constituídos de significados e sentidos absorvidos por meio da internalização das trocas dialógicas, possibilitando o desenvolvimento do pensamento (KELMAN, SILVA, AMORIM, AZEVEDO, MONTEIRO, 2011, p.353).”

A família tem papel essencial na vida das crianças, sendo “compreendida como a unidade mais significativa das interações de um indivíduo (CAPPELLINI, SANTOS, 2020, p. 3)”. Nesse espaço, acontecem as primeiras experiências de socialização, que influenciam o comportamento, a forma de pensar e contribuem de maneira decisiva para a formação da identidade, além do desenvolvimento psíquico e linguístico.

A família também tem a responsabilidade de garantir uma boa qualidade de vida, oferecendo cuidados que contribuem para o desenvolvimento humano. Isso acontece quando há amor, carinho, proteção e segurança, em um ambiente de acolhimento e inclusão para os filhos. Mas, e quando essa família recebe um filho surdo?

Ter um filho/a surdo pode acarretar alguns desafios e obstáculos que precisam ser enfrentados e superados. É possível vermos que nenhuma família espera conceber uma criança “diferente” diante da sociedade, que vê como um bom cidadão apenas aquele que não possui algum tipo de deficiência. A chegada do bebê se torna um momento desorganizado, já que há a quebra da visão de uma criança que foi idealizada.

Dessa forma, o nascimento de um filho surdo traz, na maioria das vezes, muitos sentimentos negativos aos pais e familiares, como lamentação, decepção, culpa, impotência e medo, pois muitas vezes se frustram diante do diagnóstico. “O diagnóstico de surdez leva a maioria das famílias, num primeiro momento, ao sentimento de luto pela morte simbólica de seu filho idealizado (KELMAN, SILVA, AMORIM, AZEVEDO, MONTEIRO, 2011, p.353)”.

O diagnóstico muitas vezes traz o sentimento de medo para os familiares, pois não sabem o que esperar diante do que vai vir, medo de como vai ser o futuro da criança, da sociedade, da falta de inclusão e da escolaridade.

Além disso, a forma como é dado o diagnóstico da surdez, influencia muito na maneira que os pais e familiares irão absorver essa informação e prosseguir com a educação da criança. Quando o diagnóstico é transmitido através de uma perspectiva de defeito, problema, doença,

a família compreende que seu filho é uma criança incapaz de se desenvolver, trazendo medos e anseios.

Sendo assim, com frequência, após o diagnóstico pode haver um abalo no núcleo familiar, trazendo dificuldades, transformando as relações e estabelecendo novas prioridades. Será um processo de adaptação que exige a contribuição de todos do núcleo familiar. É indispensável que nesse processo haja suporte psicológico, educacional e social para acolher, apoiar e informar aos pais, de forma que percebam que a surdez não invalida a criança.

É possível notar que a falta de recursos psicológicos e de apoio profissional dificulta a tomada de decisões e a estabilidade emocional dos pais. É constatado que o casal se sente perdido após o recebimento do diagnóstico, justificando os sentimentos de fragilidade e angústia. O preparo dos profissionais é essencial para que a família consiga planejar um futuro diante desse novo contexto. (THOMAZ, 2020, p.5)

Ademais, muitas vezes a surdez é vista por meio de uma concepção clínica, patológica, que tem como objetivo somente reabilitar, pois a compreendem como uma deficiência a ser corrigida. Além disso, a sociedade constantemente impõe estereótipos em relação às crianças surdas, tornando-se mais um desafio para as famílias.

... a criança surda é marcada por muitos estereótipos, seja através da imposição da cultura dominante, do olhar patologizante das ciências clássicas que tratam a diferença como desvio, como também das representações nas redes midiáticas que narram o surdo como seres deficientes, contribuindo para que determinadas famílias enfrentem dificuldades na socialização de suas crianças. (MARQUES, SANTOS, 2018, p. 20)

É fundamental que os profissionais de saúde ajudem os pais a entender melhor a surdez de seus filhos, sem discriminação e olhar patológico. Esses profissionais podem fornecer informações importantes para que os pais possam apoiar o crescimento e desenvolvimento saudável da criança, mudando visões negativas e ajudando-os a ver as possibilidades e potencialidades do filho.

Portanto, é importante reconhecer que as crianças surdas não são doentes, mas possuem uma forma diferente de ser e agir no mundo, que impacta especialmente em sua comunicação. Sua perspectiva de mundo se dá pelo campo visual e corporal. É apenas uma outra forma de desenvolvimento. É essencial rompermos com os preconceitos e com a patologização. Diante disso, há uma necessidade de reestruturação familiar.

A família frente uma criança surda, será desafiada no enfrentamento, não somente do cuidado afetivo, mas de prepará-la para a vida; não considerando a surdez uma patologia que precisa de cura, mas, uma pessoa que constrói e comunica linguisticamente de forma diferente, conceituando o seu mundo de maneira singular, por meio de sua percepção viso espacial (MARQUES, SANTOS, 2018, p 23).

Dessa forma, torna-se necessário uma reorganização familiar diante desse diagnóstico, com um cuidado diferente e uma nova forma de vivenciar o ineditismo da realidade familiar, pois, o olhar dos pais é fundamental para o desenvolvimento da criança e da sua identidade. Um olhar cuidadoso e um ambiente saudável contribui muito nesse processo, “a forma como cada membro familiar irá vivenciar a experiência da surdez influenciará na constituição e no desenvolvimento cognitivo e afetivo do sujeito surdo (KELMAN, SILVA, AMORIM, AZEVEDO, MONTEIRO, 2011, p.354).”

Geralmente, a figura materna acaba sendo responsabilizada pelo cuidado principal, às vezes até integral, com o filho surdo, e com a função de aprender e ensinar uma comunicação. O que acarreta uma sobrecarga para a mãe, pois ela se torna a única que se comunica e também é responsável em interpretar para outros familiares. A culpa também é um problema a ser enfrentado pela mãe, esse sentimento pode surgir após o diagnóstico.

A falta de conhecimento sobre LIBRAS é a causa de maior dificuldade no relacionamento familiar, o que pode gerar uma série de problemas ao surdo, como o isolamento, a agressividade, o desentendimento e a dificuldade em aprender. Devido a maior carga de cuidados das crianças sobre as mães, estas podem sofrer estresse devido à sobrecarga que experimentam. (FERREIRA, COUTRIM, 2022, p. 3)

Um dos aspectos mais importantes para o desenvolvimento da formação e da identidade do ser humano é a linguagem. O desenvolvimento linguístico de qualquer pessoa, geralmente se inicia em casa, junto com a família. Ao nascerem, as crianças ouvintes já estão inseridas na sua primeira língua, o contato com a língua oral é imediato, já que seus pais e familiares utilizam a mesma.

Quando tratamos de crianças ouvintes nascidas em famílias ouvintes, o convívio entre os membros, na maioria das vezes, já é suficiente para promover aquisição da linguagem pela criança. Essa mesma realidade dificilmente é encontrada nas situações em que uma criança surda surge no seio de familiares ouvintes pois, em sua maioria, utilizam da oralidade como forma de comunicação. (CAPPELLINI, SANTOS, 2020, p. 4)

Nesse sentido, o cenário torna-se diferente quando se trata de crianças surdas que possuem pais ouvintes, o contato com os familiares torna-se mais complexo, dificultando a aquisição da linguagem. Considerando-se que 95% dos surdos são filhos de ouvintes, e que a maioria desses ouvintes desconhecem completamente a língua de sinais, que deve ser a primeira língua dos surdos.

A Língua de Sinais (LS), que é uma língua visuogestual, não dependente do canal oral-auditivo, permite às pessoas surdas a aquisição e desenvolvimento da linguagem, constituindo-se assim, sujeitos linguísticos. Para este processo tornar-se uma realidade é ideal que a língua seja adquirida o mais cedo possível, de preferência em contextos comunicativos espontâneos. (CAPPELLINI, SANTOS, 2020, p. 4)

Sendo assim, a língua de sinais é fundamental para o desenvolvimento linguístico dos surdos e a aquisição precoce dela é crucial. Por isso é essencial que esta língua esteja presente a partir do diagnóstico e que os pais a aprendam para se comunicar com os filhos em seu cotidiano, pois isso facilitará a aquisição da língua e da produção de sentidos e significados.

A língua de sinais é a primeira língua do surdo, sendo fator definitivo de integração social e do desenvolvimento cognitivo. Somente por meio da língua de sinais é possível ao surdo ampliar suas interações com os seus pares, bem como ampliar sua penetração no universo cultural. (KELMAN, SILVA, AMORIM, AZEVEDO, MONTEIRO, 2011, p.351)

O compartilhamento da mesma língua facilitará a comunicação, o desenvolvimento e as relações afetivas da criança. Para todas crianças isso é vital, tratando-se de crianças surdas, ainda é mais. Corrêa (2017) enfatiza que, “para possibilitar a ampliação das capacidades comunicativas da criança, bem como para desenvolver o seu aprendizado, o educando precisa partilhar uma língua com a sua família”.

Muitas vezes, famílias ouvintes de crianças surdas precisam buscar formas não convencionais para se comunicarem com seus filhos.

Quase todas as crianças surdas filhas de ouvintes têm, já aos três anos, um modo próprio de comunicar-se, diferente da língua oral majoritária, da língua de sinais da comunidade surda do lugar e, inclusive, dos instrumentos artificiais de manualização da língua oral majoritária (línguas sinalizadas, alfabeto manual etc.). De fato, essas crianças “conversam” com suas mães, e, às vezes, também com outras pessoas da família, em um sistema próprio, relativamente convencional, de “gestos”. (Behares e Peluso, 197, p.45)

Elas usam gestos, mímicas e sinais caseiros para se comunicar. No entanto, é importante que se diga, que esses recursos podem ser úteis apenas para conversas simples do dia a dia, exclusivamente com os familiares, pois somente eles irão compreender esses sinais. Por isso a importância de encontrar maneiras mais eficazes de comunicação, como uma língua propriamente dita.

Como dito, a comunicação é essencial para todos nós, e a falta de uma comunicação eficaz e efetiva pode fragilizar as relações. O cuidador principal ouvinte, geralmente possui uma forma de se comunicar com a criança, que pode facilitar a comunicação mas também pode causar uma sobrecarga ao cuidador, pois apenas ele se comunica com a criança surda, além de dificultar a interação com os outros membros da família e amigos.

Outra característica fundamental do desenvolvimento de uma criança surda, é que ela compreende e interage com o mundo de forma visual. Essa interação é essencial para a construção de conceitos e significados. Nos primeiros anos, a família é responsável pela construção da identidade e da cultura desse indivíduo. A língua de sinais¹, assim, torna-se um símbolo da identidade surda, ela permite a interação social e o compartilhamento de experiências, além de transmitir crenças e valores da comunidade surda. Quando não há a aquisição da língua de sinais nos primeiros anos de vida, com a família, esse processo de aquisição e de construção da identidade ocorre na escola.

Sendo assim, a família tem grande importância no processo de aquisição da linguagem e no desenvolvimento da criança. A aprendizagem da língua de sinais por ela, por exemplo, facilita a comunicação com a pessoa surda e enriquece as relações familiares. A linguagem é fundamental para o desenvolvimento emocional, social, cognitivo e intelectual da criança.

Como é sabido, a identidade é moldada pelas relações que ela estabelece com os outros, especialmente no núcleo familiar, que tem grande influência nesse processo de aquisição de identidade. Para Thomaz (2020, p.2), “o ambiente familiar pode ou não, dependendo da qualidade de suas relações, construir o desenvolvimento psíquico e linguístico adequado para a criança.” A identidade é construída, porém grande parte dos surdos são filhos de ouvintes, o que dificulta esse processo se não for conduzido da melhor forma.

A identidade social é caracterizada num determinado modelo com o qual o sujeito se identifica, e que se assenta numa dinâmica social

¹ No Brasil, a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras ou LSB) como meio legal de comunicação e expressão dos surdos.

influenciada pelas relações da criança e seu núcleo primário, a família, onde ela se constrói individualmente dentro das representações possíveis da cultura surda, moldando-se de acordo com maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. As identidades são aprendidas, e são construídas na interação com o outro (MARQUES, SANTOS, 2018, p 21).

A forma como a família lida com a situação e como é apresentada a cultura surda para a criança tem grande impacto na construção da sua identidade. É fundamental entender como as famílias ouvintes se adaptam e integram a língua de sinais em suas práticas cotidianas para promover o desenvolvimento saudável da identidade surda.

Muitos surdos, filhos de pais ouvintes, têm acesso tardio à Libras. Muitos pais sem informações corretas priorizam a oralização, o que traz prejuízos na construção da identidade surda do indivíduo, além de impactar negativamente a socialização.

Para Ferreira e Coutrim (2022), “ainda há despreparo da maioria das famílias da pessoa surda para lidar com essa condição e parece não haver muito interesse em aprenderem e utilizarem a língua de sinais com o filho, o que faz com que não ocorra uma comunicação eficaz”.

A comunicação é algo vital para crianças surdas, e quando pensamos que grande parte dos surdos são filhos de ouvintes, há pouca interação dentro de casa, pois não utilizam a mesma língua, ou os pais não aceitam a Libras como forma de comunicação. Esse fator pode estar ligado a não aceitação da diversidade humana, e a falta de compreensão as necessidades e particularidades do filho. Para Thomaz (2020), “a interação do surdo com a sociedade é prejudicada pelo desconhecimento das pessoas acerca da comunidade surda e da Língua Brasileira de Sinais.”

Diante dos desafios há alguns caminhos para enfrentar esses problemas: A aquisição da Libras deve começar dentro de casa, com os pais como educadores, diariamente ensinando a Libras, isso irá favorecer o desenvolvimento linguístico, social e afetivo da criança, facilitando até mesmo a constituição da identidade. A obtenção da língua de sinais é importante para a criança aprender, se desenvolver, pensar, opinar e ter autonomia.

A língua envolve comunicação, cuidado, segurança, crescimento, proximidade e vínculo. Ao ressignificar sua relação com a língua, as famílias têm oportunidade também de ressignificar sua relação com o filho. Neste sentido, o reconhecimento das famílias sobre o papel da LS como fonte de transformações em suas histórias também está marcado como fator motivacional para vencerem as fragilidades e perseverarem no aprendizado da Libras. (CAPPELLINI, SANTOS, 2020, p. 4)

É preciso quebrar essa barreira na comunicação entre pais e filhos, pois é na família que se inicia a formação do ser humano. É importante que os pais dominem a língua de sinais, para poderem aconselhar seus filhos, ter um diálogo aberto sobre os assuntos do cotidiano, cultivando cada vez mais o laço afetivo familiar.

Na família também é onde se inicia o processo de interação social. É por meio da comunicação que o ser humano se integra, participa, convive e socializa. Por isso a necessidade de um canal de linguagem comum.

Esta possibilidade de humanização é facilitada quando o processo de comunicação é favorável, permitindo a criança surda o aprendizado de sua língua nativa, Libras, para que através de sua percepção viso espacial e gestual, significar e transformar em conceitos os arquétipos familiares e os símbolos sócio histórico-culturais. Neste espaço, a criança terá possibilidades de compreender e ser compreendida em suas relações afetivas e comunicativas, contribuindo para a constituição de um sujeito pensante e crítico que através de experiências próprias se organiza de forma expressiva, proporcionando assim fortalecimento de sua identidade. (MARQUES, SANTOS, 2018, p 23)

Além disso, é válido considerar que a constituição da identidade surda é um processo complexo que envolve a interação da criança surda com seu núcleo social primário, a família, mas também o encontro com outros surdos, seus pares.

A interação com outros surdos é muito importante para que o surdo possa desenvolver sua própria identidade, que é formada pela língua de sinais, pela cultura surda e pelas suas experiências visuoespaciais. Essa relação tem grande importância para o funcionamento psicológico e especialmente, no processo de aquisição da identidade.

No caso do adolescente surdo, esta situação pode ser também muito complexa, pois as barreiras na comunicação podem afetar o processo de socialização, a conquista e a manutenção de amizades, grupos de convivência, entre outros. Isso pode influenciar problemas em várias áreas da vida e fazer com que esses adolescentes se tornem mais tímidos e inseguros, enfrentando mais desafios. É necessário ter cuidado redobrado com as crianças e os adolescentes surdos, pois suas dimensões de vulnerabilidade são ampliadas, o que, muitas vezes, compromete suas relações no ambiente familiar e social. Por isso, no seu cuidado, devem ser respeitadas essas particularidades (THOMAZ, 2020, p.2).

A necessidade de supervisão e a maior dependência dos pais na infância são aumentadas, pois os pais acabam vendo seus filhos como frágeis. E quando os filhos crescem os pais têm dificuldade em proporcionar autonomia, por medo.

Assim, o medo se apresenta como um obstáculo, os cuidadores muitas vezes temem que os filhos se envolvam em situações de risco, gerando excesso de cuidado, o que tira a autonomia da criança. Thomaz (2020), discorre que, “para que essas crianças/adolescentes desenvolvam suas habilidades e autonomia, é fundamental que a família aprenda a balancear a relação de proteção para que não ultrapasse os limites e interfira no aprendizado.”

É necessário que a família forneça à criança/adolescente o sentimento de segurança e pertencimento, que é muito importante para o seu desenvolvimento. Isso ajuda a pessoa surda a se sentir mais confiante e a se relacionar melhor com os outros. A família é fundamental para influenciar sua visão de mundo, mas também para impulsioná-lo a ir além.

Além do mais, a ausência de uma língua pode impactar diretamente a compreensão de mundo e o desenvolvimento educacional da criança, daí a necessidade que crianças surdas tenham uma educação bilíngue, na qual a primeira língua seja a Libras e como segunda língua o português escrito. Para isso torna-se necessário uma parceria entre família e escola.

A família e a escola são importantes instituições que influenciam a vida das crianças. Elas têm papéis diferentes, mas as duas são fundamentais na formação e educação do indivíduo. A escola ajuda a preparar as crianças para o mundo, enquanto a família oferece apoio emocional e cuidado. As práticas educativas familiares contribuem para a escolarização dos alunos.

Além de tantos conflitos internos pelos quais a família ouvinte passa com o nascimento de uma criança surda, o processo de escolarização é um desafio a mais. Por força de lei e por pressão social, os estabelecimentos escolares devem se organizar para reconhecer e trabalhar com a diversidade, para valorizar os indivíduos em um ambiente em que todos tenham direitos e deveres assegurados. (FERREIRA, COUTRIM, 2022, p.3)

As interações em um espaço podem afetar o outro, então é importante que ambas trabalhem juntas de forma positiva para ajudá-los a se desenvolverem bem. Quando a família e a escola trabalham juntas, elas podem criar um ambiente de apoio e incentivo, ajudando o estudante a se sentir mais seguro e motivado para aprender. Para Ferreira e Coutrim (2022), “a relação entre família e escola é fundamental no processo socializador de estudantes no cotidiano escolar”.

Muitas vezes, a família acaba vendo a escola como única responsável no processo educativo da criança. Segundo Faleiro, Farias e da Silva (2017), “a família tem um papel de destaque para alicerçar a constituição do sujeito e seu desenvolvimento educacional, e a escola é incapaz de dar conta sozinha, principalmente do aluno surdo, sem o envolvimento da família”.

A convivência com a escola e com outras crianças surdas também pode ser positiva para os familiares, facilitando a aceitação e o desenvolvimento da identidade surda. “A sociedade tende a pensar que pais de filhos com deficiência apresentam maior potencial para lidar com a situação, porém todos estão em processo de aprendizagem, e a parceria com a escola também pode contribuir para superação desses obstáculos (FALEIRO, FARIAS, DA SILVA, 2017, p.598).”

Nesse sentido, uma boa parceria entre a família e a escola, será muito proveitosa para a criança surda. A escola poderá auxiliar a buscar profissionais ou grupos para ajudar nesse processo de aceitação. É necessário que a escola seja um espaço informativo, que ajude essas famílias, onde os professores e funcionários da escola sejam bem instruídos sobre as particularidades da surdez para poder ajudar de maneira efetiva.

Diante do exposto, consideramos que a educação da criança surda efetiva-se com o respeito à sua forma de compreensão do mundo, que é visual e pela garantia do direito à aquisição da Libras e da Língua Portuguesa na modalidade escrita. No entanto, para que isso ocorra é necessária a efetivação da parceria entre a família e a escola para que as conquistas do aluno sejam celebradas conjuntamente e as dificuldades discutidas e superadas a partir do trabalho que se inicia na escola e encontra, no ambiente familiar, continuidade. (Corrêa, 2017, p.885)

Essa integração família e escola contribui para o desenvolvimento escolar do aluno surdo, pois essas relações e interações pode auxiliar tanto a escola quanto a família a lidar com questões afetivas, educacionais e emocionais. O compartilhamento de vivências e particularidades da criança, pela família, que conhece bem o seu filho, pode ajudar a escola a pensar em novas maneiras de ensinar, utilizando as experiências que ocorrem no dia a dia familiar e criar estratégias que tenham mais sentido de acordo com a vida do aluno, podem trazer resultados positivos.

A escola poderia abrir portas para ser um lugar de convívio para as famílias, estudantes surdos e até mesmo a comunidade surda. Não apenas um lugar de reunião, mas um lugar para o convívio, compartilhamento de experiências, medos, dúvidas e estratégias. Seria muito importante para a família ter contato com outras famílias que estão passando pela mesma situação, outras famílias ouvintes com filhos surdos, compartilhar experiências, conversas, criar vínculos e ter apoio emocional, esse contato faria muito bem a todos, até mesmo às crianças.

Observa-se a importância dos espaços de integração para isso acontecer, que vão além da reunião, como cursos de formação e participação em apresentações. Esse espaço coletivo (a escola) se torna,

então, uma rede social de apoio para superar ruídos na comunicação, para ajudar todos os sujeitos a lidar com os desafios do desenvolvimento e da aprendizagem, favorecendo esse processo para o sujeito com deficiência. (FALEIRO, FARIAS, DA SILVA, 2017, p. 605)

Poderia ser muito valioso se a escola oferecesse curso de Libras para as famílias dos alunos surdos, professores, servidores da escola e comunidade. A família e a escola poderiam criar vínculos em prol do desenvolvimento do aluno surdo, ampliando suas oportunidades de interação. Como dito, o uso dos “sinais familiares” não são suficientes para a comunicação do surdo, e limita seu contato pois são sinais caseiros entendidos apenas pelos familiares.

Os ganhos alcançados com a construção da parceria entre escola e família são diversos, como melhorar o grau de instrução da família sobre seus direitos, responsabilidades e recursos, que podem contribuir para o enfrentamento de barreiras, além de várias elucidações sobre questões que envolvem as particularidades das pessoas surdas, como cultura, comunidade, questões sociais e de luta. (FALEIRO, FARIAS, DA SILVA, 2017, p. 608)

Outro desafio a ser pensado em relação à língua de sinais na escola, é que é necessário que professores e servidores da escola saibam a Libras para uma real inclusão, garantia de direitos e uma educação de qualidade.

É preciso garantir os direitos dos estudantes surdos e dar apoio às famílias para que elas possam ajudar seus filhos. As escolas precisam se preparar para receber todos de forma acolhedora e inclusiva. Além disso precisamos melhorar nosso conhecimento sobre a comunidade surda e mudar nossa forma de ensinar para que a inclusão seja real e efetiva.

Nos próximos capítulos, iremos nos debruçar sobre a temática de familiares atendidos no Labes-Libras, a fim de compreendermos as implicações emocionais, educacionais e linguísticas dessas famílias, através das entrevistas de acolhimentos realizadas neste laboratório.

3. Metodologia

Para melhor compreender as implicações emocionais, educacionais e linguísticas das famílias de pessoas surdas atendidas no Labes- Libras nos anos de 2024 e 2025, optamos por realizar uma pesquisa científica de abordagem qualitativa.

1- Pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa é uma forma de investigação científica que busca entender profundamente um fenômeno estudado, observando seu contexto e as experiências das pessoas envolvidas. “Diferentemente da pesquisa quantitativa, que se baseia em equações e estatísticas, a pesquisa qualitativa se concentra em símbolos, crenças, valores e relações humanas de determinado grupo social (Guerra et al.,2024, p.2).”

Ela tem como objetivo compreender a realidade, mantendo flexibilidade durante todo o processo de estudo. Para Godoy (1995), “a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques.”

A pesquisa qualitativa está ancorada em princípios teóricos e metodológicos que orientam a coleta e a análise dos dados.

Entre os métodos mais comuns estão as entrevistas em profundidade, a observação participante, a análise de documentos e a análise de conteúdo. Esses métodos permitem aos pesquisadores explorar as experiências, as percepções e as significações dos participantes, de forma a construir um conhecimento mais profundo e contextualizado sobre os fenômenos estudados. (Guerra et al., 2024, p. 2).

Por ter um caráter subjetivo, a pesquisa qualitativa exige que o pesquisador esteja em campo, interagindo diretamente com a realidade estudada. Ela possui um enfoque exploratório, sendo muito usada para compreender percepções, opiniões e motivações dos participantes. “O pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (Godoy, 1995, p. 21).”

Esse tipo de investigação contribui para a criação de novas ideias e a formulação de hipóteses. Além disso, costuma trabalhar com grupos menores, já que a coleta de dados depende de contato próximo e direto com as pessoas envolvidas.

Através desse tipo de pesquisa, há diversas abordagens para a condução da mesma. Para Guerra et al. (2024), “primeiramente, é necessário definir claramente o objeto de estudo, identificando o problema a ser investigado. Em seguida, é fundamental realizar uma pesquisa bibliográfica para buscar referências e estudos anteriores relacionados ao tema em questão.” O problema de pesquisa do presente trabalho é, compreender as implicações emocionais, educacionais e linguísticas das famílias de pessoas surdas atendidas no Labes- Libras nos anos de 2024 e 2025.

Quanto aos procedimentos, optou-se em fazer um estudo de caso e uma pesquisa bibliográfica. O estudo de caso é uma metodologia de pesquisa qualitativa, utilizada em diversas áreas do conhecimento, traduz-se por ser um tipo de pesquisa que tem como objeto investigar de forma detalhada e contextualizada um caso específico.

Esta abordagem permite uma análise aprofundada de um fenômeno específico, com o objetivo de compreender as nuances e complexidades do mesmo. (...) Neste sentido, o estudo de caso se destaca por permitir uma investigação detalhada e contextualizada de um caso específico, possibilitando a identificação de padrões e tendências relevantes. (Guerra et al., 2024, p. 7).

O pesquisador dentro do estudo de caso, precisa ter uma postura ética e estar sempre focado nos seus objetivos da pesquisa. Godoy (1995) discorre que, “ao realizar um estudo de caso, é fundamental que o pesquisador mantenha uma postura ética, respeitando a privacidade e confidencialidade dos participantes, e esteja atento aos possíveis vieses e interpretações enviesadas que possam surgir durante a análise dos dados.”

As observações do pesquisador geralmente incluem uma descrição do que acontece no campo e reflexões pessoais do pesquisador. Esses registros são feitos principalmente por escrito, podendo ser complementados por gravações.

O pesquisador que realiza um estudo de caso deve estar aberto e flexível, mesmo quando parte de uma base teórica inicial, pois novas informações podem surgir ao longo do processo.

Adotando um enfoque exploratório e descritivo, o pesquisador que pretende desenvolver um estudo de caso deverá estar aberto às suas descobertas. Mesmo que inicie o trabalho a partir de algum esquema teórico, deverá se manter alerta aos novos elementos ou dimensões que poderão surgir no decorrer do trabalho. O pesquisador deve também preocupar-se em mostrar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação, uma vez que a realidade é sempre complexa. (Godoy, 1995, p. 25).”

Nesse sentido, utilizamos também a pesquisa bibliográfica, que é um ponto de muita importância para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa. Ambas abordagens tem como objetivo a busca por conhecimento e compreensão de determinado tema. A pesquisa bibliográfica, utiliza fontes secundárias como livros, artigos e documentos, para coletar e analisar informações. Ela é essencial para oferecer embasamento teórico. Essa relação é fundamental para a qualidade do estudo.

A relação entre pesquisa qualitativa e pesquisa bibliográfica se dá na complementaridade entre essas abordagens. Enquanto a pesquisa qualitativa proporciona uma compreensão mais profunda e contextualizada dos fenômenos estudados, a pesquisa bibliográfica fornece embasamento teórico e conceitual para a análise dos dados coletados. (Guerra et al., 2024, p. 11).

A seleção dos documentos não ocorre de forma aleatória, ela é feita com base em objetivos, ideias ou hipóteses específicas. Os documentos são uma importante fonte de dados, pois permitem examinar materiais variados que podem ser analisados ou reinterpretados. O pesquisador deve se atentar para a seleção dos documentos, o acesso a eles e sua análise.

Além disso, a pesquisa qualitativa coleta informações por meio de técnicas não estruturadas ou semiestruturadas e lida com respostas mais subjetivas e complexas. Ela se destaca por sua abordagem mais reflexiva e interpretativa.

As entrevistas podem ser gravadas, com autorização do entrevistado, ou registradas por meio de anotações. Para Guerra et al. (2024), “um estudo de caso bem elaborado requer uma cuidadosa seleção do caso a ser investigado, a definição de questões de pesquisa claras e relevantes, a coleta de dados por meio de diferentes fontes (entrevistas, observações, documentos) e uma análise minuciosa dos dados coletados.”

A entrevista é utilizada como método principal para a coleta de dados. Ela é um procedimento organizado por perguntas que orientam por meio de um roteiro que direciona a atuação do pesquisador. Elas podem ser definidas como estruturadas, não estruturadas e semiestruturadas.

No presente trabalho, foi utilizado como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada. A entrevista semiestruturada baseia-se em perguntas principais definidas a partir de teorias e hipóteses, permitindo que novas ideias surjam conforme as respostas dos participantes. O pesquisador conduz o processo de forma ativa, utilizando um roteiro central sobre o tema, que pode ser complementado por questões adicionais conforme a situação. Essa abordagem favorece respostas mais espontâneas e menos padronizadas.

As entrevistas realizadas para o presente trabalho, foram gravadas com autorização dos entrevistados e também registradas por meio de anotações. Todas as entrevistas foram transcritas.

A equipe das entrevistas é multidisciplinar formada por uma doutora em psicologia clínica, mestre em educação, intérpretes de Libras, estudantes de pedagogia e do curso de Letras-Libras (UnB). No anexo encontra-se o roteiro geral das entrevistas.

Diante de toda explicação sobre a pesquisa qualitativa descrita anteriormente, escolheu-se utilizar neste trabalho a abordagem qualitativa.

2- Campo de pesquisa

O presente trabalho foi desenvolvido através de pesquisas, orientações e entrevistas realizadas no Laboratório de Educação de Surdos e Libras (Labes-Libras), que fica localizado na faculdade de Educação, da UnB. O laboratório conta com um espaço físico arejado e acessível, com uma estrutura para formação continuada e realização de projetos.

Figura 1: Labes-Libras



Fonte: Arquivo pessoal da autora

O laboratório tem um caráter exclusivamente acadêmico e busca promover atividades de pesquisa, ensino e extensão por meio de ações realizadas dentro do próprio laboratório. Uma das ações previstas no projeto do Labes-Libras:

Desenvolvimento e implementação de um Projeto de Avaliação e Acompanhamento Sociocultural dos Sujeitos Surdos e suas Famílias com o objetivo de atendimento sociocultural ao bebê/criança, orientação a respeito da relação família e bebê/criança, grupo focal de pais de surdos e ensino de Libras às famílias de sujeitos surdos. (E. A. S. Buzar 2017, p. 02)

Pensando no desenvolvimento e na implementação dessa ação, realizamos as entrevistas que fazem parte desse trabalho, com as famílias de surdos, no laboratório.

Conforme informações do projeto, o laboratório tem como público alvo: Professores da Educação de Surdos da Educação Básica; Professores de Estudantes Surdos do Ensino Superior; Professores surdos da Educação Básica e do Ensino Superior; Estagiários do curso de Pedagogia, Letras, Psicologia, Medicina, Fonoaudiologia, licenciaturas ou áreas afins; Estudantes surdos da Educação Básica e do Ensino Superior; Bebês/crianças surdas; Familiares de pessoas surdas; Secretarias de Educação e órgãos do governo.

A ideia, segundo a autora, é que o projeto busque construir um contradiscurso acerca da surdez.

Isso porque entendemos a importância de oferecer a estes sujeitos, outras abordagens a respeito da surdez, como a concepção sócio antropológica da surdez, que acredita no desenvolvimento dos surdos por outras vias, que não a oral, e sim a viso-espacial, considerando-a como propiciadora do desenvolvimento pleno do sujeito. O principal argumento é que as línguas de sinais desenvolvidas pelas comunidades surdas se deram a partir da perspectiva viso-espacial, e estas são as línguas naturais dos sujeitos surdos, desencadeando identidades e culturas próprias. Nessa perspectiva há um reconhecimento e valorização da comunidade surda, o que possibilita ao sujeito surdo um desenvolvimento pleno de suas habilidades. (E. A. S. Buzar, 2017, p. 06)

A concepção clínica vem de um viés patológico, que olha a surdez como um defeito, é importante que os pais tenham acesso a outro olhar sobre a surdez, no Labes-Libras, mostramos outras abordagens, como a concepção sócio antropológica, que mostra que os surdos se desenvolvem através da língua de sinais e da visualidade.

Um dos objetivos gerais do laboratório é, de acordo com Buzar (2017), desenvolver e implementar um Projeto de Avaliação Sociocultural dos sujeitos surdos e familiares, a fim de atender socioculturalmente a bebês/crianças surdas, assim como, orientar e colaborar com a formação dos pais de surdos. A ênfase da minha monografia é na concretização desse objetivo.

Dos objetivos específicos, destaco:

Atender, por meio do Projeto de Avaliação e Acompanhamento Sociocultural, bebês/crianças surdas, a fim de implantar um trabalho de Estimulação Linguística Precoce com fins educacionais e

socioantropológicos; Criar um grupo focal para os familiares de sujeitos surdos a fim de orientá-los e informá-los a respeito do sujeito surdo e suas especificidades de desenvolvimento, tanto quanto para ensinar Libras; (E. A. S. Buzar, 2017, p. 08)

Diante dos objetivos apresentados, foi elaborado o projeto de extensão (Licenciaturas em Movimento) “Estudantes Surdos com outras condições de desenvolvimento associadas: Acolhimento, formação, atendimento psicoeducacional, material didático e estratégias pedagógicas”. Este projeto se iniciou em outubro de 2025 e tem previsão de duração de um ano, e eu faço parte como bolsista. Este projeto estabelece uma parceria entre a Universidade de Brasília e as escolas públicas bilíngues Libras-Português escrito, no qual, estudantes surdos com outras condições associadas, receberão um olhar diferenciado por meio de:

Discussão e ampliação da formação do professor articuladas às especificidades de aprendizagens destes alunos, a fim de aprofundar a compreensão dos modos de aprendizagem deste público, assim como, analisar e construir recursos, jogos, materiais didáticos e estratégias pedagógicas adequadas às suas singularidades de desenvolvimento, a fim de dirimir ou eliminar dificuldades relacionadas com a comunicação, aprendizagem, emocionalidade e socialização. (Buzar, 2025, p.2)

A fim de promover a autonomia, participação e a melhoria da aprendizagem destes sujeitos. Dentre as metodologias utilizadas, enfatizo:

Realizar acolhimento aos familiares e professores de sujeitos surdos, público-alvo destes projetos, por meio de entrevistas semiestruturadas e orientação sobre o desenvolvimento destes alunos, a fim de identificar pontos de força e fragilidades no processo socioemocional e educacional destes alunos, além de colaborar com a desconstrução de mitos, estereótipos e estigmas com o objetivo de construir recursos de enfrentamento diante das dificuldades acentuadas e persistentes presentes. (Buzar, 2025, p.3)

Assim, para atingir os objetivos do projeto, as entrevistas que realizamos tiveram como propósito acolher os familiares de pessoas surdas, abordando aspectos emocionais, educacionais e linguísticos desses indivíduos, visando entender melhor suas necessidades e oferecer apoio adequado.

3- População estudada

A população-alvo foi composta por familiares de pessoas surdas com outras condições associadas, conforme projeto explicitado anteriormente, no qual, acompanhou-se quatro

entrevistas de familiares de pessoas surdas. Em seguida, descreve-se brevemente a composição familiar das famílias entrevistadas.

3.1- A **primeira entrevista** foi de uma família composta por uma madrasta e seu filho surdo adolescente, estudante de escola bilíngue (Libras-Português como segunda língua). Segundo suas informações, na casa onde residem moram também uma irmã e o pai. As principais queixas trazidas pela madrasta a respeito do filho, foram: angústia, tristeza, ansiedade, discurso mórbido, agressividade, uso de palavras soltas e repetitivas, queda no desempenho escolar e convivência familiar conturbada.

Figura 2: Primeira entrevista



Fonte: Arquivo pessoal da autora

3.2- A **segunda entrevista** realizada, foi com uma mulher surda, adulta, com 40 anos. De acordo com suas informações, viveu parte de sua vida em um abrigo, o que fez com que tivesse uma vida muito sofrida, que trouxeram muitos traumas oriundos da infância. As principais queixas trazidas por ela, foram: abandono dos pais, solidão, maus tratos, dificuldade de relacionamento com surdos, apego emocional em amigas com papel maternal, tentativa de suicídio e aquisição tardia da Libras.

Figura 3: Segunda entrevista



Fonte: Arquivo pessoal da autora

3.3 - A **terceira entrevista** foi com uma mãe, um pai, e uma criança de três anos, que de acordo com os pais, desenvolveu surdez, depois de otite de repetição e uso de fortes antibióticos. Além dessa criança, o casal possui mais um filho adolescente. O pai é motorista e a mãe atendente de lanchonete. Porém, na época da entrevista, os dois se encontravam desempregados. As principais queixas trazidas por eles, foram: perda de audição inesperada, regressão em relação ao desfralde, falta de comunicação, medos, incertezas e perspectiva clínica sobre a surdez.

3.4 - A **quarta entrevista** foi com uma família composta por um pai, uma mãe, um filho adolescente ouvinte e uma filha adolescente surda e com baixa visão. Os pais possuem curso superior, mas no momento da entrevista apenas a mãe estava trabalhando. As principais queixas trazidas pela família a respeito da filha surda, foram: problemas de comunicação, questões de identidade, fala sozinha, dificuldade em socializar, consequências da pandemia e fases da adolescência.

Figura 4: Quarta entrevista



Fonte: Arquivo pessoal da autora

4- Análise de conteúdo

Para obtermos informações mais precisas sobre as questões emocionais, linguísticas e educacionais das famílias entrevistadas, assim como, uma análise adequada, optou-se em realizar uma análise de conteúdo.

Para Cardoso et al. (2021), “a Análise de Conteúdo pode ser uma excelente opção quando o objetivo for analisar os dados provenientes das comunicações, buscando compreender

os significados e os sentidos das mensagens, que vão além de uma leitura comum.” Para tanto, utilizou-se do material construído a partir da comunicação verbal ou não dos participantes das entrevistas, para a análise. Como materiais verbais, temos principalmente o resultado das entrevistas, que foi o método usado nesta pesquisa.

Contudo, os dados advindos dessas diversas possibilidades de fontes chegam em estado bruto, sendo o conteúdo manifesto e explícito das mensagens; é com base nele que se inicia a análise. Mas os dados não falam por si; eles precisam ser trabalhados de forma objetiva e sistemática pelo analisador para que se possa abstrair deles o(s) seu(s) significado(s), ou seja, o conteúdo oculto (Cardoso et al., 2021, p. 102)

Os dados obtidos com as entrevistas presentes nesse trabalho, estavam em seu estado puro, mas a partir da análise de conteúdo, foi possível identificar elementos que não estavam explícitos a priori.

Godoy (1995) discorre que, “a utilização da análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.” A fase **pré-análise** é a etapa de organização. Inclui leitura inicial do material, seleção dos documentos, formulação de hipóteses ou objetivos e definição dos indicadores que orientarão a análise. A fase de **exploração do material**, corresponde à aplicação prática do que foi planejado na pré-análise. Por fim, na fase de **tratamento dos resultados e interpretação**, o pesquisador analisa os dados obtidos, busca padrões ou tendências e interpreta os fenômenos, considerando seu caráter social, histórico e dinâmico.

Neste trabalho, as entrevistas foram analisadas conforme as três fases descritas por Godoy (1995), primeiramente efetuamos as entrevistas e selecionamos os artigos para embasar nossa pesquisa, após essa fase, as entrevistas foram transcritas e a leitura dos materiais foi realizada, por fim, as entrevistas foram analisadas com o embasamento teórico dos artigos lidos. Os resultados serão detalhados no próximo capítulo.

4. Resultados e discussões

Entrevista 1

Participantes: Madrasta Maria e filho Marcos.

Estudante com surdez profunda bilateral, adolescente, fluente em Libras, está no ensino fundamental, se encontra em sofrimento psíquico e faz uso de remédio psiquiátrico desde a infância.

Descrição:

Esta entrevista contou com a participação da madrasta e seu filho surdo, além da equipe composta pela coordenadora do Labes-Libras, profa. Edeilce Buzar, eu representando os estudantes de Pedagogia, o estudante Kaio do IL, que atuou como intérprete e o prof. Francisco Buzar, voluntário do projeto.

Após os momentos iniciais nos quais a equipe se apresentou, perguntou sobre os dados pessoais dos entrevistados, a questão da surdez e a composição familiar a fim de construir um mapeamento identificatório do sujeito surdo, a equipe solicitou que descrevessem o principal motivo que tinha lhes levado até ali, relatando aspectos da história de vida do indivíduo, de suas questões emocionais, educacionais e comunicacionais.

A madrasta Maria² relatou que seu filho tem uma história de abandono pela mãe biológica por diversas vezes, sofrendo maus-tratos e violência doméstica durante todo o período que conviveu com ela. Além disso, por ser surdo, sofreu rejeição pela família biológica ampliada. Após ele vir morar com o pai, a madrasta resolveu aprender Libras e é a única pessoa da família a se comunicar com ele, nem mesmo o pai sabe Libras. De acordo com a madrasta:

Quando a mãe dele deixou ele na minha porta, ele ainda não tinha nem um mês de nascido. Depois de alguns anos ela se arrependeu e começou a exigir o filho de volta. Nós não queríamos devolver, mas ela começou a nos ameaçar, pois não fizemos isso de forma legal. Então, devolvemos o menino para ela. Ficamos sabendo que ela batia muito nele, até na escola, puxava a orelha dele, agredia mesmo. Depois ela deu o menino para outra família. Mas, ele foi se tornando cada vez mais agressivo, brigava, ficou muito agitado. Então, meu marido resolveu entrar na justiça e pegar a guarda dele e ele voltou para ficar com a gente.

A família é essencial para a sustentação emocional do filho, pois é nesse espaço que ele aprende a se sentir amado, seguro e confiante. Quando há apoio, diálogo e cuidado, a criança

² Todos os nomes utilizados nessa pesquisa, são fictícios.

desenvolve equilíbrio emocional e maior capacidade de enfrentar dificuldades. No entanto, quando esse suporte familiar não ocorre, as consequências podem ser desastrosas, gerando insegurança, baixa autoestima, dificuldades nos relacionamentos e problemas emocionais que podem acompanhar o indivíduo ao longo de toda a vida.

De acordo com a madrasta, Marcos passou por momentos da primeira infância bastante conturbados. Além da relação conflituosa com a mãe biológica, o período que passou com a outra família, contribuiu para que ele tivesse comportamentos agressivos.

As relações afetivas são muito importantes. O excesso de conflitos afeta o desenvolvimento, podendo causar riscos de problemas emocionais (Costa, 2024).

É evidente que o cuidado e o apoio emocional não são exclusividade da família biológica. Cuidadores, de forma geral, desempenham um papel crucial no desenvolvimento emocional saudável das crianças. O que é preocupante é quando nem mesmo esses cuidadores conseguem oferecer o suporte necessário, o que pode levar a sérias consequências para o bem-estar emocional e psicológico da criança. A presença de cuidadores estáveis e afetivos é essencial para que a criança desenvolva habilidades socioemocionais, confiança e autoestima, independentemente da configuração familiar.

Continuando com o relato da madrasta feito durante a entrevista, ela discorreu sobre momentos de agressividade advindos de Marcos:

Nós compramos um computador para ele com tanta dificuldade e ele queria passar a noite usando, não queria dormir. Aí meu marido disse: O Marcos está até agora no computador vendo coisa feia, coisa de capeta, de satanás. Aí eu desliguei o computador e mandei ele dormir. Eu achei que Marcos tinha ido dormir. Mas, acordamos com um cheiro de fumaça, ele tentou colocar fogo na casa. Ainda bem que acordamos a tempo de apagar. Não sei se fez isso somente para chamar atenção. Também quando está nervoso, me empurra. Uma vez, eu não deixei ele pegar o celular ele ameaçou de me bater e me matar. Eu reagi com calma e o questionei se ele teria coragem de fazer isso comigo, logo eu que me dedico muito a ele e o trato com tanto carinho. Ele me abraçou e se acalmou.

Para Costa (2024), “um ambiente familiar saudável, marcado por apoio emocional, desempenha um papel crucial na prevenção e recuperação de problemas psicológicos em crianças e adolescentes”. Uma infância conturbada e a falta de cuidados, podem trazer diversos problemas psicológicos, e comportamentais. No caso abordado, podemos perceber através da fala de Maria, que Marcos possui comportamentos agressivos, que podem ter sido influenciados pelas relações que teve na infância e o ambiente em que cresceu.

Diante do relato, vemos que a madrasta tem um cuidado na forma de lidar com essas situações. No momento em que foi ameaçada pelo filho, ela se descreveu falando em Libras, de forma calma e carinhosa, questionou o amor dele por ela. Essa relação de carinho se mostrou efetiva, já que ele acabou fazendo o que ela queria.

Com relação à educação escolar, segundo Maria, Marcos apresenta uma queda no rendimento escolar, algumas reprovações e os professores relatam que ele não está bem, não se concentra. Para Rocha e Vieira (2021), “a afetividade está presente em todas as etapas da vida de um indivíduo, isso nos leva a crer que ela é indispensável no processo de ensino-aprendizagem, independentemente de sua origem, gênero ou classe social.” Dessa maneira, vemos que as questões emocionais tem causado grande impacto no desenvolvimento acadêmico de Marcos.

Além disso, de acordo com informações da madrasta, os colegas se afastaram dele pois ficam com medo de suas falas repetitivas, que com frequência trazem referências a temas, como diabo, morte, inferno e bode.

Em relação à sua saúde mental, Maria diz que Marcos já falou em suicídio, mas nunca tentou, o que deixa ela bastante preocupada e sobrecarregada, já que é a cuidadora principal dele. “Eu já não sou nova. Preciso viver o resto de vida que me falta, mas não consigo porque me preocupo dele se suicidar. Me preocupo dele colocar fogo na casa. Meu sono é muito leve, eu não durmo. Eu não tenho paz. Eu não tenho segurança do meu esposo falar assim: Eu seguro o Marcos com você.”

Segundo Thomaz (2020), “existem situações em que apenas um familiar é responsável pela compreensão e interpretação da fala da criança/adolescente para todos os outros familiares, gerando sobrecarga e responsabilidade unilateral sobre o cuidado e bem-estar desse indivíduo.” Isso pode ter consequências emocionais significativas para o cuidador, que acaba assumindo esse papel sozinho, o que o sobrecarrega emocionalmente. Quando a criança ou adolescente enfrenta problemas de saúde mental, a situação se torna ainda mais desafiadora, comprometendo o bem-estar do cuidador e é o que se observa no caso relatado aqui.

Após a entrevista, foi realizada uma reunião composta por mim, pela profa. Edeilce Buzar e pelo prof. Francisco Buzar, na qual analisamos os relatos apresentados e organizamos um retorno à família acerca de nossa compreensão da situação e das orientações em relação ao caso. Destacamos os impactos da desestruturação familiar e do histórico de violência no sofrimento psíquico de Marcos, ressaltando a importância do acompanhamento psicológico e psiquiátrico. Enfatizamos, a necessidade de fortalecimento da rede de apoio, incluindo suporte

emocional à madrastra e orientação familiar, compreendendo que, neste momento, a prioridade é a estabilização emocional do adolescente para, posteriormente, favorecer seu desenvolvimento escolar e social. Além disso, oferecemos atendimentos psicoeducacionais para Marcos no Labes-Libras, com o objetivo de ampliar o suporte à família e contribuir para um acompanhamento mais integral.

Entrevista 2

Participante: Larissa

Mulher surda de 40 anos, solteira, negra, com ensino fundamental completo e cristã.

Descrição:

Nesta entrevista, recebemos Larissa sozinha. A equipe foi composta pela coordenadora do Labes-Libras, profa. Edeilce Buzar, eu representando os estudantes de Pedagogia, duas estagiárias do Labes-Libras, também estudantes de pedagogia.

Inicialmente a equipe se apresentou, perguntou sobre os dados pessoais da entrevistada, e pedimos para que ela falasse um pouco sobre sua família e como é a sua composição. Larissa ficou à vontade para desabafar e nos contar as causas que a trouxeram até o atendimento no Labes-Libras.

Larissa relatou na entrevista, que foi abandonada pelos pais e teve uma história de vida de muito sofrimento e maus tratos.

Eu não tenho mãe, eu não tenho pai, eles me abandonaram quando eu era bebê. Eles me jogaram³ numa lata de lixo em frente a uma instituição que abrigava crianças. Minha mãe foi embora e me deixou lá. Então eu passei a minha infância nesse lugar. Ficava muito sozinha, ninguém sabia se comunicar comigo. Isso me trouxe muito sofrimento. Depois fui adotada por uma família que me trouxe muitos problemas. Consegui fugir deles e fui levada de volta para o abrigo. Quando completei a maioridade, tive que sair da instituição e fui morar na rua, vivia de esmola. Morei nas rodoviárias, dormia nos banheiros e fui mudando de estado, até que vim parar aqui. Um dia uma surda me encontrou e me levou para morar na casa dela. Na casa dela, eu fazia os serviços domésticos. Ela me ajudou, me dava comida, roupa e um teto. Depois de muitos anos, o irmão dela conseguiu o BPC⁴ pra mim. Ela se separou e eu tive que sair de lá, fui morar sozinha, até hoje. Não é fácil é minha vida, as pessoas não têm empatia comigo, é muito triste.

³ Discurso realizado em Libras e traduzido por intérprete participante da equipe de entrevista.

⁴ BPC: Benefício de Prestação Continuada

O desenvolvimento da criança é um processo conjunto entre ela e os adultos, moldando sua percepção de mundo e construção de conceitos. A chegada de uma criança surda traz desafios, que vão além do cuidado. É preciso criar um ambiente que valorize a sua forma de comunicação e ajude a desenvolver suas potencialidades. Reconhecer a surdez como uma característica, e não uma limitação, é fundamental para o crescimento saudável da criança. Isso não é dever apenas da família, mas de qualquer cuidador em qualquer ambiente.

A família frente uma criança surda, será desafiada no enfrentamento não somente do cuidado afetivo, mas de prepará-la para a vida; não considerando a surdez uma patologia que precisa de cura, mas, uma pessoa que constrói e comunica linguisticamente de forma diferente, conceituando o seu mundo de maneira singular, por meio de sua percepção viso espacial (MARQUES e SANTOS, 2018, p. 23)

Percebe-se pelo relato de Larissa que a falta de cuidado inicial, essencial para o seu desenvolvimento integral, tanto biológico quanto emocional, foi um fator marcante em sua vida. Ela cresceu em um contexto de abandono, sem comunicação e com ausência de afeto. Mesmo após ser adotada, não recebeu a comunicação adequada nem o suporte emocional necessário, o que impactou significativamente sua trajetória de vida.

Ao ser perguntada sobre a sua mãe, a entrevistada deu a seguinte informação: “Já encontrei com a minha mãe, mas eu não gosto dela, não quero que ela faça parte da minha vida.” Mesmo reencontrando a mãe depois de adulta, não há entre elas vínculo afetivo suficiente para sustentar uma relação. Tudo se rompeu na primeira infância.

Para Araújo e Moucherek (2022), “o abandono afetivo na fase da infância resulta em danos muitas vezes irreversíveis, por impactar ativamente o psicológico e emocional, consequentemente os traumas por essa separação brusca entre a criança e seus genitores podem prosseguir por toda vida.” É o que presenciamos na entrevista de Larissa, os traumas decorrentes do abandono deixaram marcas que persistem na vida adulta, influenciando a autoestima, a confiança e até mesmo a capacidade de formar vínculos saudáveis.

A entrevistada acrescentou, em tom de angústia: -“Não tenho casa, não tem nada no meu nome, perdi tudo e sofri maus tratos.” Esse depoimento evidencia que a perda de bens materiais, a falta de afeto e a não poder ter algo, trouxeram consequências para seu desenvolvimento emocional, como é o caso do sentimento de desamparo.

Conforme Larissa relatou, quando foi adotada aos 7 anos, sofreu muito, apanhava muito. Ela não tinha comunicação com a família que lhe adotou e eles não sabiam língua de sinais: - “A comunicação era difícil, me chamavam de doida.”

Para uma boa convivência e que os direitos e necessidades de uma criança seja atendida, é imprescindível uma língua comum com seus cuidadores. Nenhuma criança pode ser vista como doida ou doente, mas reconhecidas como diferentes em sua forma de se comunicar.

As crianças surdas não são doentes ou deficientes, mas, diferentes linguisticamente, já que sua compreensão de mundo se dá por meio desde do início de vida pelo canal perceptivo visual e também na aquisição de sua própria língua, as línguas de sinais. Para isso, faz-se necessário romper barreiras do preconceito e da patologização, aceitando a criança como ser que significará o mundo pelo campo viso espacial. (MARQUES e SANTOS, 2018, p. 22)

Sendo assim, fica nítido que uma família que adota uma criança surda ou até mesmo uma família biológica que tem um filho surdo, precisa receber orientação do governo, como uma política pública, a respeito de quem são as pessoas surdas, como elas se desenvolvem, o que é a língua de sinais e o que é preciso fazer para aprendê-la, a importância das escolas bilíngues, entre outras informações fundamentais para o desenvolvimento dessa criança. Essa política pública pode sustentar essa família, não só com informações, mas também com ações, tipo cursos de Libras para a família, matrícula nas escolas bilíngues, apoio emocional, entre outras.

Com relação à sua experiência no abrigo, Larissa relatou que: “Pela falta de comunicação cheguei a passar fome lá, pois não era compreendida. Na adolescência, fugi do abrigo. Sofria muito lá. Eram muito autoritários, muita proibição, muita coisa. Aí eu me sentia mal. As outras meninas ouvintes, diziam sempre que a culpa era minha, quando aprontavam alguma coisa. Aí eu apanhava, não gostava.”

Ainda sobre a ausência de comunicação, esse fator trouxe muito sofrimento à Larissa. A língua de sinais é de extrema importância para o desenvolvimento da pessoa surda e a instituição deveria perceber que tinha uma interna surda e ter intervindo nesse período delicado na vida de Larissa. Os funcionários deveriam ter aprendido a Libras para facilitar a comunicação e ensinar Larissa, pois a aquisição da Libras é crucial no processo de interação.

Para superar a barreira da língua oral, a língua de sinais é o que possibilita ao surdo desenvolver suas funções cognitivas. O processo de desenvolvimento do surdo ocorre de maneira igual ao do ouvinte, por meio das interações sociais e com a aquisição das significações das suas vivências durante o encontro com o mundo externo, a única diferença é que ele possui a necessidade de um canal linguístico em comum com o outro sujeito com o qual está compartilhando a vivência, ou seja, ambos devem usar a língua de sinais (FALEIRO, FARIAS e DA SILVA, 2017, p. 600).

O relato evidencia que a ausência de comunicação adequada intensificou o sofrimento de Larissa. Compreende-se que o desenvolvimento da pessoa surda ocorre por meio das interações sociais e da construção de significados nas vivências cotidianas, assim como acontece com os ouvintes.

Contudo, para que esse processo se efetive, é indispensável a existência de um canal linguístico comum, no caso, a Libras. Quando a instituição deixa de garantir esse direito básico à comunicação, compromete não apenas a interação social, mas também o desenvolvimento cognitivo e emocional da interna surda. Dessa forma, a falta de profissionais preparados e a não oferta da Libras configuram não apenas uma falha institucional, mas uma violação das condições necessárias para o pleno desenvolvimento e inclusão de Larissa.

A língua de sinais é uma língua que se desenvolve por meio do canal espaço-visual, portanto, não necessita da audição para se desenvolver, por isso, é considerada a principal língua a ser adquirida por uma pessoa surda, para que não haja atrasos linguísticos, cognitivos e conseqüentemente, emocionais.

De acordo com Larissa, a mulher surda que a resgatou quando era moradora de rua, ensinou a língua de sinais para ela e a abrigou por mais de dez anos em sua casa: “Comecei a morar com ela, aí ela começou a me ensinar língua de sinais, eu não sabia língua de sinais, só gestos.”

Em outras palavras, Larissa é mais um caso de aquisição tardia de língua de sinais. Um direito linguístico que poderia ser concretizado desde a sua infância, só ocorreu na fase adulta por meio de outra surda que a acolheu, ou seja, seu par linguístico. Essa aquisição tardia de língua também pode ter influenciado o desenvolvimento emocional de Larissa.

Segundo Faleiro, Farias e Da Silva (2017), “A linguagem é a principal estrutura responsável pela regulação dos processos psíquicos, pois, por meio dela, se organizam e se estruturam as funções cognitivas, possibilitando interações fundamentais para composição do conhecimento.” Larissa passou sua infância e adolescência sem a aquisição da Libras, o que nos faz refletir sobre os impactos causados por essa falta, impactos linguísticos, educacionais e até emocionais.

O encontro com sua amiga possibilitou que Larissa saísse da rua, aprendesse a Libras e tivesse acesso a políticas públicas, como o BPC. Esse encontro com alguém que compartilhasse das mesmas vivências trouxe conseqüências positivas ao seu desenvolvimento, mas não foram suficientes para apagar suas dores e seus traumas.

Larissa relata não ter uma boa convivência com outros surdos na atualidade, geralmente faz amizades isoladas com mulheres ouvintes, que não se sustentam. Ela conta que não se sente bem com os surdos, porque eles não a ajudam e a provocam dizendo que ela depende dos outros, o que faz com quem ela tenha uma tristeza profunda e até mesmo pensamentos suicidas. Os impactos emocionais da solidão invadem a vida de Larissa, mesmo na atualidade. Sua principal queixa é sentir-se sozinha e nem mesmo com os seus pares surdos, consegue se sentir aceita.

Para concluir a entrevista, a Larissa resumiu sua situação atual: -“Normal, só tristeza profunda. Os surdos me provocam dizendo que estou sempre dependendo dos outros. Não é. Eu quero só ter amizade. Mas os surdos ficam falando que eu quero ser dependente dos outros. Os surdos são muito perigosos. Quase me matei.”

Ser retirado da convivência familiar afetou bastante a vida de Larissa, que não viveu em um lar saudável, passou por dificuldades na instituição que lhe abrigou e nas famílias que a adotaram temporariamente. Atualmente, Larissa sente-se muito isolada e sem amigos. Sente muita falta de uma figura materna, que possa ser sua amiga. Sente-se só e abandonada. Os traumas da infância pela falta familiar refletem durante toda a sua vida, trazendo consequências para sua saúde mental.

Após a entrevista a equipe decidiu que Larissa passaria a ter atendimentos no Labes-Libras para atividades psicopedagógicas e interações, a fim de que ela possa ampliar sua rede de apoio e se sentir acolhida. Foi realizado encaminhamento para atendimento psicológico individual.

Entrevista 3

Participantes: Pai José, mãe Lídia e filho Paulo.

Criança surda de 3 anos

Descrição:

Esta entrevista contou com a participação do pai, da mãe e seu filho, além da equipe composta pela coordenadora do Labes-Libras, profa. Edeilce Buzar, eu representando os estudantes de Pedagogia, e uma estagiária do Labes-Libras, estudante de pedagogia, que ficou brincando com a criança, enquanto realizávamos a entrevista com os pais.

A entrevista iniciou com a apresentação da equipe e a coleta de dados pessoais dos participantes. Posteriormente, foram abordadas questões relacionadas à surdez e à estrutura familiar.

Segundo os pais, José e Lídia, seu filho nasceu ouvinte, fez todos os exames e estava tudo certo. De acordo com eles, Pedro ouvia até os 2 anos, após esse período desenvolveu surdez, depois de ter otite de repetição e fazer uso de fortes antibióticos, receitados pelo médico. O pai relatou que: – “A gente tem alguns vídeos antes dos dois anos e ele olhava quando chamava, respondia com o olhar. Após os dois anos, foi que começamos a notar um comportamento diferente nele. Percebemos que ele ficava nervoso, mais estressado”.

De acordo com a mãe o filho tem facilidade de gripar, teve otite várias vezes, seguidas. No ano passado, ele ficou internado, porque teve bronquiolite. Depois disso, começou a ter otite diversas vezes. Na última otite, após levá-lo no postinho de saúde, o médico passou um antibiótico muito forte.

As causas da surdez são variadas, mas dentre elas, podemos destacar: otite de repetição e uso de determinados antibióticos. Alguns antibióticos podem prejudicar a audição, principalmente quando são muito fortes, usados por longos períodos ou em doses altas, podendo causar perda auditiva temporária ou até permanente. No entanto, eles também são essenciais no tratamento de infecções graves e, muitas vezes, indispensáveis para a recuperação da saúde, devendo sempre ser utilizados com orientação médica.

Mas o pai retrucou que: “Ele só tinha otite em um ouvido, e ele perdeu a audição nos dois ouvidos, completamente. E a gente acha que tenha sido o remédio.” Informaram que Pedro chegou a balbuciar e falar algumas palavras, após a surdez perceberam atraso na fala e no seu desenvolvimento.

O pai relatou de forma emocionada que: “Ele chegou a falar pai, mamãe, vovó e depois parou. Foi quando a gente percebeu que ele estava com atraso na fala, ele começou a falar e parou. Fomos marcar uma consulta com a fonoaudióloga, aí a fonoaudióloga falou, procure um otorrino porque ele está com problema na audição.

O relato do pai mostra que o filho teve atraso na linguagem devido à surdez. A surdez pode afetar o desenvolvimento da linguagem de uma criança se ela não receber intervenção precoce. Para evitar isso, é importante fazer o diagnóstico precoce da surdez e promover a estimulação da linguagem por meio da Libras, garantindo assim o desenvolvimento linguístico da criança.

De acordo com a mãe:

O que a gente já tem visto pelos profissionais é que eles estão falando que ele vai ter que fazer o implante coclear. Só que precisaria fazer essa ressonância para saber como tá o nervo se tá levando informação para o cérebro. Então estamos na fase de avaliação. O otorrino que a gente consultou fala que não vai adiantar usar o aparelhinho auditivo, para ele voltar a ouvir teria que trocar a cóclea. Mas aí teria que saber como que tá a própria cóclea e até mesmo o nervo auditivo. Pediram essa ressonância, a gente conseguiu fazer agora, e vamos ver o que eles têm a dizer.

O implante coclear é um aparelho colocado por meio de cirurgia que tem por objetivo colaborar com as pessoas com surdez severa ou profunda a perceber sons quando o aparelho auditivo comum não é suficiente. Ele transforma os sons em sinais que estimulam diretamente o nervo da audição. Como toda cirurgia, envolve riscos, como infecção, complicações na cicatrização ou problemas no funcionamento do aparelho, por isso exige avaliação cuidadosa antes de ser realizada.

Além disso, o implante não garante que a audição volte, e em alguns casos os resultados podem ser limitados. Por isso, são necessários exames, acompanhamento médico e fonoaudiológico, além de orientação à família, já que a adaptação e a estimulação depois da cirurgia são fundamentais.

Junto com o diagnóstico, o medo, a incerteza e o espanto chegaram aos pais. Segundo a mãe, sua reação foi a seguinte:

Para mim foi um choque, porque quando a gente fez o BERA⁵, a gente teve que repetir de novo. A fonoaudióloga falou que o exame precisava ser repetido. Ela não deu o resultado, e como foi só eu com ela, ela falou traz seu esposo, e nós fomos. Chegou lá ela repetiu o exame tudo de novo. Ela ia fazer só um exame e fez quatro pra ter certeza, colocou ele em uma cabine. Aí ela deu o resultado pra gente. Parece que o mundo se abriu. A gente ficou sem chão, foi um desespero pra mim mesmo, era dia e noite sem saber o que fazer. A única coisa que eu pensava era no futuro: Como esse menino vai viver agora? A gente só fica pensando.

Para ter o diagnóstico da surdez, é preciso o acompanhamento de alguns profissionais. O médico otorrino avalia a saúde do ouvido e investiga as possíveis causas, o fonoaudiólogo faz os testes para saber como a pessoa escuta e qual é o grau da perda auditiva. Em crianças, o pediatra também pode participar. Entre os exames mais comuns estão o teste da orelhinha (feito nos bebês), a audiometria, que mede o quanto a pessoa ouve, e outros testes que verificam como

⁵ O BERA é um exame que avalia como o som chega do ouvido até o cérebro. Ele é feito com pequenos sensores colocados na cabeça do bebê, que registram as respostas do cérebro aos sons enviados por fones de ouvido.

o som chega ao ouvido e ao cérebro. Em alguns casos, podem ser pedidos exames de imagem para observar a parte interna do ouvido.

É de extrema importância que o diagnóstico da surdez seja realizado da forma correta. Deve ser mostrado aos familiares não apenas a concepção clínica, patológica, mas também a perspectiva social, pensando nas diversas possibilidades de bem estar da criança. “O diagnóstico de surdez pode gerar os mais diversos sentimentos nos pais como, por exemplo, negação, culpa, tristeza, choque, medo e angústia devido ao impacto que essa nova informação trará para a vida do casal que, muitas vezes, não está preparado para lidar com esses sentimentos”. (Thomaz, 2020, p.5).

Foi possível perceber que a família de Pedro sentiu o impacto do diagnóstico. A forma como é passado o diagnóstico influencia tanto na forma como os pais lidam com a surdez, quando na comunicação e educação que proporcionarão ao seu filho.

Os pais relatam que após o diagnóstico da surdez não sabiam mais como se comunicar com a criança, o que prejudicou até mesmo o desfralde. De acordo com o pai:

“Quando ele ouvia a gente, evoluiu muito mais rápido, era esperto, até então a gente comunicava com ele para usar o vasilhinho, o suporte. Ele tirava a fralda dele, quando fazia xixi por exemplo. Ele já estava desfraldando, mas depois disso aí, interrompeu o processo. A gente não sabia comunicar com ele mais, aí não teve como dar prosseguimento.”

A comunicação familiar contribui grandemente para o desenvolvimento do filho. A falta da comunicação pode trazer problemas emocionais para esses indivíduos. Por isso, é fundamental que exista uma língua em comum entre pais e filhos. No caso da criança surda, é especialmente importante que os pais aprendam a língua de sinais com a máxima urgência, para garantir que ela tenha acesso pleno à comunicação desde cedo. Esse acesso evita a privação linguística, fortalece os laços familiares e contribui para um desenvolvimento saudável, tanto na linguagem quanto no aspecto emocional e social.

A equipe do Labes-Libras orientou e apoiou os pais de Paulo, sugerindo que buscassem aproximação com a comunidade surda da cidade onde moravam e iniciassem, o mais breve possível, aulas de Libras para garantir uma comunicação efetiva com o filho. Também foi recomendado acompanhamento psicológico, considerando que a situação é nova e pode gerar ansiedade e insegurança. Além disso, indicou-se a procura por uma escola bilíngue, que tenha a Libras como primeira língua, e a inserção em programas de estimulação precoce, pois o contato antecipado com a língua de sinais favorece significativamente o desenvolvimento da

criança. Por fim, ressaltou-se a importância de momentos de lazer e convivência familiar, para fortalecer os vínculos e promover bem-estar.

Além disso, a equipe do Labes-Libras reafirmou como se daria a intervenção por meio do implante coclear e da aprendizagem da língua oral, com orientações que pudessem diminuir as dúvidas da família a respeito de que caminho tomar rumo ao desenvolvimento do seu filho.

Por fim, a equipe disse que após a família ter recebido informações tanto a respeito da concepção socioantropológica da surdez, quando da concepção clínica, a decisão deveria ser unicamente da família, que após conversarem entre si a respeito dos prós e contras de cada uma das alternativas, escolhessem o que fosse melhor para a criança.

Como os pais não retornaram mais ao Labes-Libras, supõe-se que decidiram pela concepção clínica e não estão aprendendo Libras.

Entrevista 4

Participantes: Pai Diego, mãe Mara, Lucas e Joana, filhos adolescentes.

Joana é surda, com baixa visão, branca, estudante do ensino médio, com reprovação escolar.

Descrição:

Esta entrevista contou com a participação do pai, da mãe, e de dois filhos adolescentes, e da equipe composta pela coordenadora do Labes-Libras, profa. Edeilce Buzar, eu e a Lorena representando os estudantes de Pedagogia, a estudante Amanda do IL, que atuou como intérprete e o prof. Francisco Buzar, voluntário do projeto.

A entrevista iniciou-se com a apresentação da equipe e um momento de conversa inicial. Depois, pedimos algumas informações pessoais e ouvimos a história da família para entender melhor o que aconteceu até chegarem ali. Também procuramos conhecer as principais dificuldades e preocupações, para compreender melhor as questões emocionais, educacionais e de comunicação relacionadas à Joana.

Os pais relataram que Joana apresenta surdez associada à baixa visão, uma condição conhecida como surdocegueira quando há comprometimento significativo dos dois sentidos. Em alguns casos, a perda auditiva pode estar relacionada a outras condições de saúde ou síndromes genéticas.

Um exemplo é a Síndrome de Usher, que combina surdez com perda progressiva da visão. Outra condição possível é a Síndrome de Charge, que pode envolver alterações auditivas, visuais e outras características no desenvolvimento. Também há casos ligados à Síndrome da

Rubéola Congênita, quando a mãe contrai rubéola durante a gestação, podendo afetar a audição e a visão do bebê. É importante destacar que cada caso é único, sendo fundamental avaliação médica especializada para identificar as causas e garantir o acompanhamento adequado, além de apoio educacional e comunicacional desde cedo.

De acordo com os pais, a adolescente é independente e não gosta de receber ajuda. A comunicação com ela em casa se dá apenas com o pai, que no momento não está trabalhando e se dedica aos filhos. Ele é o único fluente em Libras.

O relato mostra que a adolescente é independente, o que é positivo para sua autonomia, mas também revela um ponto importante: a comunicação em casa acontece apenas com o pai, que é o único fluente em Libras. A comunicação familiar é fundamental para fortalecer vínculos, construir confiança e garantir participação ativa nas decisões do dia a dia. Quando apenas um membro da família compartilha a mesma língua, pode haver isolamento dentro do próprio lar. Por isso, é essencial que todos aprendam Libras, garantindo que ela seja utilizada como primeira língua da adolescente. Ter uma língua em comum dentro de casa favorece o desenvolvimento emocional, social e cognitivo, além de assegurar que ela se sinta pertencente e compreendida.

A mãe comentou que: -“Eu passo mais tempo fora de casa, então meu repertório é menor. Eu converso bastante com a minha filha, como funciona as coisas de casa e a nossa relação afetiva é grande. Ela é muito apegada comigo, mas essa é uma das questões que fere a mim e eu acho que é difícil para ela.”

A fala da mãe mostra que, mesmo havendo muito carinho e vínculo afetivo, a dificuldade na comunicação ainda é uma questão sensível para ambas. A comunicação é essencial para qualquer pessoa, pois é por meio dela que expressamos sentimentos, resolvemos conflitos, aprendemos e fortalecemos relações. No caso de uma pessoa surda, o uso de uma língua comum é ainda mais indispensável, pois a língua é o principal meio de acesso ao mundo, à convivência familiar e à construção da autonomia (Corrêa, 2017)

Quando questionamos o irmão, como se dava a comunicação com a irmã, ele disse: “Eu sempre tento conversar com ela quando ela fala comigo. Mas quando eu não entendo as coisas eu pergunto para o meu pai, para procurar falar com ela.” Essa fala revela que, mais uma vez, o pai acaba assumindo o papel de mediador da comunicação dentro da família. Quando apenas uma pessoa domina a Libras, ela passa a funcionar como uma espécie de intérprete informal, o que pode gerar sobrecarga emocional e responsabilidade excessiva (Thomaz, 2020).

No entanto, o pai retrucou: -“Ultimamente eu não tenho mais ajudado porque eu acho que falta um pouquinho mais de boa vontade.” A fala do pai demonstra que ele percebe uma acomodação por parte dos demais familiares, já que, por ser o único fluente em Libras, acabou assumindo sozinho a responsabilidade pela comunicação. Ao dizer que tem deixado de ajudar por considerar que falta mais iniciativa, ele parece estar tentando provocar uma mudança nessa dinâmica.

Essa situação evidencia o quanto é importante que toda a família aprenda Libras, para que a comunicação não fique concentrada em apenas uma pessoa e para que a convivência seja mais equilibrada e participativa. Além disso, é fundamental que o poder público invista em políticas que garantam acesso gratuito e facilitado ao ensino de Libras para familiares de pessoas surdas.

O pai comentou que: “ Ela tem algumas manias, quer dizer, conversa sozinha, conversa com o teto, fala muito sozinha, ela fala que é com os pensamentos.” A equipe observou que apenas o pai se comunica com ela em Libras, e talvez essa seja a forma que ela tenha de se expressar, já que ela não consegue se comunicar com todos de forma efetiva, a falta de comunicação pode afetar as relações afetivas. No entanto, a equipe destacou que é importante que isto seja investigado melhor.

A dificuldade de comunicação dos integrantes da família com a criança/adolescente com deficiência auditiva, agregado ao fato de não possuir alternativas de comunicação à linguagem falada, gera uma sobrecarga para o cuidador principal que aprendeu a se comunicar com a linguagem de LIBRAS (Thomaz, 2020, p.4).

Os pais relatam que a filha, Joana, reprovou durante a pandemia, pois teve desafios em ter aulas de forma remota, o que trouxe traumas a ela, já que seus colegas avançaram e ela não.

Em 2019 ela reprovou. Na época era só uma professora, a professora era surda e demorou muito tempo para eles acharem uma forma de dar as aulas. As aulas foram pelo computador, e a Joana com baixa visão. A professora falando do outro lado, e eu no meio das duas tentando mediar uma aula que era de 40 a 50 minutos e passava duas, três horas. O aproveitamento foi muito ruim. No final disso, a gente que percebeu que ela não teve aproveitamento. A professora e a diretora nos pediram para ver com a família, se aprovava ela ou não. Para ter um aproveitamento melhor, a gente optou pela reprovação, mas isto trouxe um impacto emocional para ela.”

Para Faleiro et. al (2017), “os laços afetivos estabelecidos nesses dois espaços, quando consolidados, ampliam a forma de lidar com a vida das pessoas, refletindo em todas as relações

sociais.” O acompanhamento escolar pela família é de extrema importância, saber quais estão sendo as adaptações, entender o desenvolvimento do filho, saber se estão sendo acolhidos, essa parceria entre família e escola é necessária.

De acordo com os pais, além da reprovação, a pandemia ⁶trouxo a Joana questões sobre sua identidade. Ela estava com os familiares em casa e teve percepção que eles eram diferentes dela, tanto na aparência, quanto na forma de comunicação. Segundo o pai: “ Voltando aqui na pandemia, esse questionamento dela (sobre sua aparência e surdez) ficou bem sério, a ponto de ela começar a chorar do nada. Foi quando começou o conflito com o irmão, porque que ele ouvia e ela não, então ela falava, eu quero trocar.” A mãe complementou dizendo -“Ela também começou a rejeitar a Libras, ela ficava em casa, a gente falava em Libras e ela ignorava.”

Como foi relatado acima, Joana percebeu diferenças, o que fez ela se questionar, rejeitar o uso da Libras, e não aceitar a baixa visão. A família também tem um papel importante na formação de identidade de seus filhos adolescentes. Kelman et. al (2011), discorre que, “conhecer como as famílias (primeiro núcleo social) integram e vivenciam a língua de sinais nas suas práticas cotidianas é importante para constituição do surdo, principalmente quando se considera que a família é, na maioria dos casos, composta por membros ouvintes.”

Conforme vão crescendo esses indivíduos percebem diferenças físicas, culturais e linguísticas, nessa fase da vida é necessário que os pais estejam atentos a esse processo, oferecendo apoio e ajudando de forma positiva, valorizando as diferenças e a cultura surda.

Após a entrevista, a equipe se reuniu para alinhar os pontos principais a serem apresentados na devolutiva à família. Destacou-se que as relações de afeto são fundamentais para a formação do indivíduo, contribuindo para a construção da identidade e do sentimento de pertencimento. Também foi discutido que a maneira como a família compreende a surdez e apresenta a cultura surda exerce grande influência na construção identitária de Joana. Abordou-se ainda a importância da convivência com outros jovens, especialmente na adolescência, fase em que ocorre o fortalecimento da identidade própria.

Outro ponto ressaltado foi que a dificuldade de comunicação dentro de casa pode gerar sentimentos de isolamento, o que pode explicar o fato de Joana falar sozinha em alguns momentos. Por fim, reforçou-se a necessidade de que todos os membros da família aprendam Libras, a fim de garantir uma comunicação mais efetiva e evitar que a responsabilidade recaia apenas sobre o pai, atualmente o único fluente na língua.

⁶ A pandemia de COVID-19, iniciada em 2020, período marcado por isolamento social, suspensão das aulas presenciais e restrições de circulação, o que impactou significativamente a convivência familiar, social e educacional.

Vale destacar que esta família não retornou para receber a devolutiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender as implicações emocionais, educacionais e linguísticas da família das pessoas surdas acompanhadas pelo Labes-Libras.

Durante o período em que vivenciei o Labes-Libras, por meio do estágio e do projeto de extensão “Estudantes Surdos com Outras Condições de Desenvolvimento Associadas”, pude perceber a grande importância desse espaço para os estudantes surdos e suas famílias, especialmente pelo apoio psicológico e educacional oferecido. O projeto também se mostra fundamental para a formação dos estudantes de Pedagogia, pois ao longo da nossa trajetória profissional certamente teremos contato com alunos surdos, e é essencial compreender a cultura surda e suas especificidades. Além de contribuir para nossa formação acadêmica, o Labes-Libras foi significativo para o meu crescimento pessoal, ampliando meu olhar, minha sensibilidade e minha compreensão sobre inclusão e diversidade.

Fui bolsista no projeto de extensão, e minha experiência foi muito significativa para minha formação. O projeto desenvolve diversas atividades, como acolhimento de famílias, formações, oficinas, atendimento psicoeducacional e produção de materiais didáticos. Tive a oportunidade de participar dos momentos de acolhimento às famílias, incluindo as entrevistas que compõem esta monografia, além de colaborar nas oficinas e nas formações oferecidas.

As famílias chegaram ao Labes-Libras por meio de indicações de escolas, de profissionais da saúde e de próprios estudantes da universidade que já haviam tido contato com a professora Edeilce Buzar. Após o primeiro contato, era agendada uma entrevista de acolhimento com cada família. Realizávamos as entrevistas e, posteriormente, a equipe se reunia para discutir os principais pontos levantados e organizar a devolutiva, pensando em estratégias de apoio adequadas a cada caso.

As entrevistas eram conduzidas pela professora Edeilce Buzar, contavam com a presença de um intérprete de Libras, e eu participava representando os estudantes de Pedagogia. Durante os encontros, registrava os aspectos mais relevantes e contribuía com questionamentos, se houvesse. Após cada entrevista, eu ficava responsável pela transcrição do conteúdo, material desta pesquisa.

As entrevistas com famílias destacaram semelhanças significativas: O ambiente familiar estável e afetivo é crucial para o desenvolvimento emocional e comportamental das pessoas surdas; A comunicação familiar aberta e em Libras é fundamental para o desenvolvimento linguístico e identitário dos surdos; A falta de afeto e acompanhamento pode prejudicar o

desenvolvimento dos filhos; A aquisição precoce da Libras e a participação efetiva dos pais são primordiais para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e socioemocional das pessoas surdas.

Além das semelhanças citadas acima se destaca a sobrecarga dos cuidadores, como é o caso da madrasta de Marcos e do pai de Joana, por serem os únicos que se comunicam de forma efetiva com os filhos surdos, observa-se desgaste emocional, responsabilidade concentrada e tensão familiar.

Os impactos sobre a questão acadêmica é outro aspecto que chamou bastante atenção. No caso de Marcos e Joana passaram por algumas reprovações e tanto um quanto outro, foram encaminhados pela escola, denotando dificuldades no aprendizado por meio de baixa concentração e desorganização do pensamento.

A família é essencial para a formação do sujeito, pois é por meio do cuidado e do afeto que a criança constrói sua identidade e segurança emocional. Mais do que laços biológicos, o que realmente importa é a presença de cuidadores que estabeleçam um vínculo amoroso e responsável, seja a madrasta, o pai ou até mesmo um abrigo. É esse vínculo que fortalece a autoestima, o sentimento de pertencimento e o desenvolvimento saudável da criança.

Outro ponto a se destacar é que em todas as famílias entrevistadas, há a ausência de comunicação por meio da Libras ou ocorre uma comunicação precária desenvolvida por apenas um membro da família. É essencial que todos aprendam Libras, garantindo uma boa convivência e o desenvolvimento pleno desse sujeito. Também é importante que o poder público ofereça políticas e acesso gratuito ao ensino de Libras para as famílias, assegurando esse direito.

Como estudante de Pedagogia, participar do Labes-Libras e desenvolver esta monografia marcou profundamente minha formação e a forma como pretendo atuar na escola. Aprendi que a escola precisa estar realmente preparada para receber o aluno surdo, principalmente quando ele apresenta outras condições associadas. Nesses casos, reprovar não resolve o problema, pois muitas dificuldades acontecem pela falta de acessibilidade, de estratégias adequadas e de uma boa comunicação.

A escola deve buscar práticas mais inclusivas, realizar atividades de acordo com a necessidade específica de cada estudante, utilizar Libras como primeira língua, contar com o apoio do atendimento educacional especializado e trabalhar junto com a família. Também é essencial orientar os responsáveis sobre a importância da comunicação em casa e manter uma parceria entre escola e família.

No Labes-Libras, pude perceber que, quando o ensino é pensado de forma visual, acessível e respeitando o tempo de cada aluno, a aprendizagem acontece de maneira mais significativa, fortalecendo a autonomia e a participação da criança na escola. O acompanhamento realizado pelo Labes-Libras às famílias de pessoas surdas com diferentes condições associadas revelou a importância de uma abordagem sensível e multidisciplinar.

Em resumo, o Labes-Libras desempenha um papel essencial no apoio às famílias de pessoas surdas, contribuindo para o fortalecimento da comunicação, identidade e desenvolvimento dos surdos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, R. F. de S.; MOUCHERER, M. C. *Abandono afetivo na infância e os danos psicológicos: uma revisão integrativa da literatura*. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 15, p. e274111536934, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i15.36934. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/36934>. Acesso em: 13 jan. 2026.
- BARBOSA, Ivone C.; REIS, Fernando F. S. O papel da família na constituição da identidade na infância: a perspectiva veiculada em livros e periódicos de psicologia e a visão sociocultural dos vygotskyanos. [S. l.: s. n.], [s. d.]. Disponível em: <https://share.google/h4V6QTig3lhBxVTR2>. Acesso em: 13 jun. 2025.
- BEHARES, Luiz Ernesto; PELUSO, Leonardo. *A língua materna dos surdos*. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro: INES, n. 6, p. 40–48, mar. 1997.
- BÍBLIA. *Almeida Corrigida e Fiel*. Isaías 41:20.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com alterações até a Emenda Constitucional nº 91/2016 e Decreto Legislativo nº 186/2008. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. 496 p.
- BRASIL. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 16 jul. 1990.
- BRASIL. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 22 set. 2025.
- BUZAR, Edeilce Aparecida dos Santos. *Laboratório de Educação de Surdos e Libras – LABES/LIBRAS*. 2017.
- BUZAR, Edeilce Aparecida dos Santos. *Estudantes surdos com outras condições de desenvolvimento associadas: acolhimento, formação, atendimento psicoeducacional, material didático e estratégias pedagógicas*. 2025.
- CAETANO, L. M. *Relação escola e família: uma proposta de parceria*. **Revista Intellectus**, v. 1, n. 1, p. 38–46, 2003.
- CAPPELLINI, M. T.; SANTOS, L. F. dos. *As interações comunicativas entre familiares ouvintes e sujeitos surdos: possibilidades de ressignificações*. **Revista Educação Especial**, v. 33, p. e72/1–23, 2020. DOI: 10.5902/1984686X48563. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/48563>. Acesso em: 16 set. 2025.
- CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. *Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa*. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, p. 98–111, 2021.
- CORRÊA, Adriana Moreira de Souza. *Escola, família e bilinguismo na educação de surdos*. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras: UFCG, n. 2, supl., p. 883–885, set. 2017.

COSTA, M. C. G. da. *O papel da família no desenvolvimento emocional do adolescente*. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 10, p. e6351, 2024. DOI: 10.56083/RCV4N10-197. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/6351>. Acesso em: 13 jun. 2025.

FALEIRO, W.; FARIAS, M. N.; SILVA, L. C. da. *Interação família-escola no desenvolvimento do aluno surdo*. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 24, n. 3, p. 596–609, 2017. DOI: 10.5335/rep.v24i3.7768. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/7768>. Acesso em: 16 set. 2025.

FERREIRA, Renata Lena de Lourdes; COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação; TORRES, Marco Antônio. *Inclusão para quem? A luta de famílias das camadas populares pela escolarização dos estudantes surdos*. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 15, n. 34, p. e16890, 2022. DOI: 10.20952/revtee.v15i34.16890. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/16890>. Acesso em: 30 jul. 2025.

GODOY, Arilda Schmidt. *Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais*. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20–29, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rae/article/view/38200>. Acesso em: 6 dez. 2025.

GUERRA, A. de L. e R. et al. *Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica*. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 15, n. 7, p. e4019, 2024. DOI: 10.7769/gesec.v15i7.4019. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/4019>. Acesso em: 6 dez. 2025.

KELMAN, Celeste Azulay et al. *Surdez e família: facetas das relações parentais no cotidiano comunicativo bilíngue*. **Linhas Críticas**, v. 17, n. 33, p. 349–366, 2011. DOI: 10.26512/lc.v17i33.3737. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/3737>. Acesso em: 16 set. 2025.

MACEDO, R. M. *A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer*. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 91, nov. 1994. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/788.pdf>. Acesso em: [data de acesso].

MARQUES, Walter Ernesto Ude; SANTOS, Valmir Alves dos. *A criança surda em seu contexto sociofamiliar constituída por membros ouvintes*. **Revista Interdisciplinar Sulear**, n. 3, 2018. Disponível em: <https://revista.uemg.br/sulear/article/view/3365>. Acesso em: 16 set. 2025.

NORONHA, Maressa Maelly Soares; PARRON, Stênio Ferreira. *A evolução do conceito de família*. [S. l.]: Uniesp, 2017. 21 p.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. *A relação família-escola: intersecções e desafios*. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, n. 1, p. 99–108, 2010. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/estpsi/article/view/7131>. Acesso em: 9 jun. 2025.

PIANA, Maria Cristina; PARREIRA, Lúcia Aparecida; NOGUEIRA, Fernanda A. Costa. *A família na sociedade atual: história e legislação*. Franca: UNESP, 2012. Disponível em: https://www.franca.unesp.br/Home/stae/eixo3_004.pdf. Acesso em: 25 abr. 2025.

ROCHA, Magna Maria da Conceição; VIEIRA, Maria Ranete de Almeida Peixoto. *A importância da afetividade da família para o desenvolvimento sócio-emocional da criança na escola*. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 10, p. 3465–3480, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i10.3368. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/3368>. Acesso em: 11 jun. 2025.

SAMARA, Eni de Mesquita. *O que mudou na família brasileira?: da colônia à atualidade*. **Psicologia USP**, v. 13, n. 2, p. 27–48, 2002. DOI: 10.1590/S0103-65642002000200004. Disponível em: <https://revistas.usp.br/psicousp/article/view/53500>. Acesso em: 10 jun. 2025.

THOMAZ, M. M. et al. *Interação entre a família e a criança/adolescente com deficiência auditiva*. **CoDAS**, v. 32, n. 6, p. e20190147, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/zLsgYXC4ZJM7rXXqxSywSpy/>. Acesso em: 23 set. 2025.

ANEXOS:**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado/a a participar da pesquisa intitulada **“FAMÍLIA DE PESSOAS SURDAS: UMA ANÁLISE DOS ATENDIMENTOS NO LABES-LIBRAS/FE/UNB”**.

Nesta pesquisa, o estudo visa compreender as implicações do acompanhamento do Labes-Libras às famílias, contribuindo para o fortalecimento da comunicação, identidade e desenvolvimento dos surdos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo enviado ao participante da pesquisa pela pesquisadora Ana Luiza Santos de Albuquerque, para que possa manifestar formalmente seu acordo em colaborar com o estudo. Você contribuirá especificamente com a concessão de uma entrevista que será gravada em áudio.

Esclarecemos que a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. As informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade dos participantes. Somente a pesquisadora e a orientadora terão conhecimento dos dados.

Além disso, a participação é totalmente voluntária, podendo os senhores recusarem-se a participar ou mesmo desistirem a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo. Ao participar desta pesquisa o(a) sr.(a) não terá nenhum benefício direto, assim como, não terá nenhum tipo de despesa.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato por telefone/whatsapp com: Ana Luiza (61) 982952447 ou pelo e-mail: anaalbuquerque8418@gmail.com

Brasília, ____ de _____ de ____.

Assinatura do Participante

ROTEIRO DE ENTREVISTA – Acolhimento de família com filhos surdos**1 – Informações Gerais**

Recepção/Cumprimentos

Apresentação da equipe

Objetivo da entrevista

TCLE

2 – Identificação da pessoa surda (em caso de menor, também do responsável)

Dados pessoais

Informações sobre a surdez

Breve histórico de vida

3 – Descrição das principais questões que os trazem até aqui**4 – Questões acadêmicas**

Principais dificuldades na escola

Situação atual com relação à formação acadêmica

5 – Questões emocionais

Sinais e sintomas

6- Disponibilidade para participar do projeto do Labes-Libras**7 – Orientações e/ou encaminhamentos da equipe****8- Encerramento**